

LVSITANIA.
RESTAURADA
DIRIGIDA
A
SEVER RESTAURADOR
EL REY
DOM JOAO O QVARTO
NOSSO SENHOR.

POR VICENTE DE GUZMAN

Soarcz.



EM LISBOA.

A custa de Lourenço de Anveres, & na sua
Officina. Anno de 1641.

O Primeiro da Restauracão de Portugal.

L I C E N C A S

Este livro, cujo titulo he *Lusitania Restaurada*, Autor Vicente de Guzmão Soárez, não tem causa alguma contra a fe, ou bons costumes, & celebra com muito engenho, & boa Poesia a gloria da restauração do nosso Reino de Portugal. E assi me parece muito digno de se imprimir. Em s. Domingos de Lisboa. 26. de Agosto de 1641,

O Mestre Fr. Ignacio Galvão,

Vista a informação pode-se imprimir o liuro intitulado *Lusitania Restaurada*, Autor Vicente de Guzmão Soárez, depois de impresso tornará ao Conselho para se conferir como Original, & sedat licença para correr, & se ella não contraria Lisboa 27. de Agosto de 1641.

*Fr. Iozó de Vasconcellos. Pero da Silva.
Francisco Cardoso de Torneiro.*

Pode-se imprimir Lisboa 2. de setembro de 1641.

O Bispo de Targa.

Qual se possa imprimir este livro, vistas as licenças do santo Ofício, & ordinário, & não contraria o primeiro tornar a esta melâ para se taxar. Lisboa 6. de Setembro de 1641.

João Sambuca Barreto. Fr. Cesario D. Rodrigo de Meneses.

Este liuro da Lusitania restaurada, com os annexos estatutos, estar conforme com seu Original. s. Domingos de Lisboa 21. de Novembro de 1641.

O M. Fr. Ignacio Galvão

Visto estar conforme com seu Original pode correr este liuro. Lisboa 22. de Novembro de 1641.

Fr. Iozó de Vasconcellos. Pero da Silva.

Francisco Cardoso de Torneiro,

Taxam este liuro em setenta reis em papel. Lisboa 23. de Novembro de 1641.

Meneses Ribeiro,

**AELREI N. SENHOR,
DOM IOAO O QVARTO
Restaurador de Portugal,
SENHOR.**

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

 O Panegirico, é que celebrei a vinda de V. Mag.
de Almada a Lisboa, aquella Ninfa, que oferecera
a V. Mag. húa coroa de flores, cátava estes versos

Esta, que adorna a muitos a cabeça,

A vojos pés he bem que se ofereça.

Não me atrevo a afirmar, que foi conceito da esperança;
mas atrevome a presumir, que foi profecia do desejo. Ago-
ra neste livro com mais venturoso sucesso logra V. Mag.
a coroa de ouro em seu legitimo lugar; sendo a restituicão
de V. Mag. & a restauração de Portugal húa acção tão húa,
que nem a justiça, nem o Amor lhe pode considerar sepa-
ração. Lembrandomo agradecido da benignidade, com que
V. Mag. me fez m. em Almada de admitir aquelle unilie
serviço, me animei obrigado a dedicara V. Mag. esth LVI-
SITANIA RESTAURADA, confiando, que, como V.
Mag. com seu Real alento he seu aurora na empresa, assim
também com seu augusto nome serà seu defensor na rela-
çāo. Guarde Deos a Serenissima pessoa de V. Mag. para
gloria de Portugal, para coluna da Igreja, para admiraçāo
do mundo. Lisboa 15. de Novembro de 1641.

Vicente de Guzman Soarez;

3947

A TODOS.

Ação de LUSITANIA RESTAVRADA era tão eroica, que a não igualava o mais sublime estilo; mas o Amor alenta grandes audacias, ESSO da Patria pode tanto, que tal vez excede os limites das forças. Este me empenhou no estudo d'estes cantos, que quando não servão de dino aplauso a tanta empresa, pelo menos serão estímulo para os melhores engenhos emendar com obras proprias os defeitos, que nesta censurarem.



Fol. 15

LUSITANIA

RESTAURADA

VICENTE DE GUZMAN
Soarez.

CANTO PRIMEIRO.



Aô cátó as armas, a cócordia cátó,
E o varão, q̄ a preciosa liberdade
Da amada Patria cō geral espáto
Redemio da tirana残酷de:
Nunca Heroe memoravel obrou tanto,
Nunca Musa aspirou à Eternidade
Com tal accção: que admira o emisferio
Triūfar sé guerra, & cōquistar o imperio.

2

Ardua empresa tomou minha confiança,
Em q̄ a arte teme, quanto atreve o égenho;
Muito farei, se meu accento alcança
De tão gráde promessa ao desempenho:
Mas minha presumpçāo, minha esperāça
Em teu favor, ò eterna Musa, tenho:
Inspirame copiosa, dàme altiva
Hūa idea immortal, hūa arte viva.

A

E vos

4/9117

CANTO

3

E vos, Restaurador maravilhoso
Da gloria Lusitana, a quem o Fado
Na posse constitue venturoso,
Quanto nas esperanças desejado:
Vimai o lembrante Magestofo
A accento, mais que culto, afeicoadó:
Que ensaios nesta empresa considero
Para outras, que de vos cantar espero,

4

Que eu, Senhor, q̄ cantei cō voz medrosa
Hūas flores, q̄ ao Tejo é Maio destes,
Ia canto com trombeta sonorosa
O fruto, em que essas flores cōvertestes;
Empenho he da promessa venturosa,
Que benigno ao meu canto recebestes,
E oje meus desempenhos persuade
Flor a Excelencia, fruto a Magestade.

5

Perdoai as lisonjas dirigidas
Ao poder, que entāo era idolatrado,
(Sendo verdades a vos sō devidas)
Que entreteceu meu plectro violētado:
Que tambem vos, ò Rei, as nossas vidas
Devieis, muito ha, ter resgatado:
E obedecendo aos tempos a esperança
Desculpa nas violencias a tardança.

Em fin

PRIMEIRO

3

6

Em fim chegou o termo venturoso
De restituir o Cetro Lusitano
Ao centro de seu tronco glorioso,
A quem o dera o fado soberano;
Chegou a idade de ouro ao piedoso
Reino, chegou o amparo de seu dano;
Chegastes vos; e em vos cùridos vejo
Os termos da esperança, & do desejo.

7

Estava Portugal; mas não estava;
Iazia Portugal; mas não jazia:
Que o estado, & o sepulcro, é q se achava
De vida, nem de morte lhe servia;
Para sofrer, a vida sustentava,
Para viver, da vida carecia,
Provado cada instante em triste abismo
Hum golpe, húa ruina, hū paracismo:

8

Orfão d' aquelles pais, em cujo peito
Reinava mais o amor, que o poderio,
Chorava seu tormento mal sojeito
Ao jugo de soberbo senhorio;
O valor, a quem d' antes era estreito
O mundo, como em neve preso o rio,
Sem galardão estava, & sem justica
Nas prisões da lisonja, & da cobiça.

9

O sustento dos pobres carregado
 De intoleravel peso de tributos
 Escassamente dava cultivado
 Ao miseravel dono livres frutos:
 Ià não avia idade, nem estado,
Que os tristes olhos contivesse enxutos
 Vendo quebrar astencias, & com ellas
 O pão de orfaõs viuvas, & donzellias.

10

As fazendas, que menos poderosos
 Principes dêrão à Igreja Santa,
 Alvitres cegamente perniciosos
 Lhas defraudavão em riqueza tanta;
 Em gastos escusados voluptuosos
 De quem aplana os montes, & levanta
 Os valles ocioso, se gastava
 Quanto o Reino, & cõquista tributava.

11

As onras, os ofícios, os governos
 Vendidos de ordinario aos mais indinos
 Erão da Patria escandalos eternos,
 E errada exaltação dos peregrinos:
 Os dinos de escreverse nos quadernos
 Da Nobreza esquecião, muitos dinos
 De esquecimento, dando a razão gritos,
 Se vião na memoria injusta eleitos.

Os premios

PRIMEIRO

12

Os premios das insignias militares,
Que justamente forão ordenados
Para os q̄ tingé cō seu sāgue os mares,
E as terras pela fē d' esforço armados;
Se davão por respeitos singulares,
E só alcançavão cruzes os cruzados,
Fazendo a hum por injuria cavalleiro
Não o proprio valor, mas o dinheiro.

13

Cometido o timão da Monarquia
A debil mão, porem de modo armada,
Que para fazer mal tudo podia;
Mas para fazer bē ou pouco, ou nada,
Naufragios ameaçava cadadia,
E gente em tempestades alagada
Chorava o varonil ardor sojeito
Ao fraco braço, ao feminino peito.

14

Hum òmem, cujo estado se não conta,,
Porq̄ de hū morto fora aqueixa ociosa,
Era dos òmés nobres viva afronta,
Era monstruosidade prodigiosa;
Todo o estado das cousas, toda a conta
Do Reino com soberba escandalosa
Intruso registrava mais tirano,
Que o proprio dono, é quē fūdaua o dano.

A;

Simula;

15

Simulado pretexto, nomeado
 De consulta, a nobreza convocava
 A corte estranha com sagaz cuidado,
Que as ultimas desgraças fulminava:
 Temia o Reino verse despojado
 Do lustre Português, que o sustentava,
Que era o designio certo, que movia
 A chamar a Castella a fidalguia.

16

Das condições juradas, & firmadas,
 Com que deu Lusitania ao Castelhano
 As chaves (se lhas deu, sendo compradas
 Apoucos com violécia, ou com engano)
 Tantas, & tantas vezes quebrantadas
 Com tanta perdição, com tanto dano
 Do povo, q̄ as chorava, se as sofria,
 O direito das gentes se ofendia.

17

Não havia lugar, villa, ou cidade,
Que ja pudelle sustentar a carga
 Da an.bição, que oprimia a liberdade,
Que o Cœo no justo Imperio nos alarga;
 Vindo a ser a maior calamidade,
 Ea dor aos Portugueses mais amarga
 Não ver no Rei hū pai, hum doce abrigo,
Que aliviasse a pena, ou o perigo.

De tão

PRIMEIRO

7

8

18

De tão grande opressão, de tal violencia
A voz, que magoada se formara,
Em suspiros envolta, & em paciencia
Por remate da pena ao Ceo chegara:
No tribunal da eterna Prouidencia
Seu vivo sentimento declarara,
E onde bastava o leve pensamento,
Sobejou o gemido, & o tormento.

19

Affiliaõ ao trono omnipotente
Inimitavel a este umilde canto
A Paz Santa, a Iustiça independente,
Có branca toga, & có purpureo māto:
Presentouse a Iustiça reverente
A Deidade, que ocupa o trono santo,
E com suave voz, bem que severa,
Repete o que no peito considera.

20

Eterno instituidor das monarquias
(Dice) de cuja mente sempiterna
Se dirivão os fins, & as melhorias
Dos cetros, có q̄ o mundo se governa;
Que tem chegado ja, parece, os dias,
Em que cumprais húa palavra eterna,
Que d'estes, Rei dos Reis, Deos soberano,
A Afonso Rei Primeiro Lusitano.

A 4

Atenuou-

CANTO

21

Atenuouse a geração famosa
Decima sexta na Africana terra,
Onde com sede de onra religiosa
Passou por vosso nome a fazer guerra;
E sta atenuação sempre chorosa
A Portugal de Portugal desterra
As glorias, os trofèos, a eterna fama
Dina de hum Reino, que fiel vos ama;

22

Prometestes, Senhor, ao Rei Primeiro
Tornar a pôr os olhos piedosos
Neste Reino leal, dandolhe erdeiro;
Que restaure seus males rigurosos;
Ia aveis sido leão, sede cordeiro
Compassivo a seus danos licenciosos
E pois vossa palavra reconheço,
Se umilde o rogo, confiada opeço.

23

De Dom IOAO, que he Duque de Bragica,
Bem conheceis os dotes, & o direito,
Que ao Reino tem, de cuja posse o lâça
Hû poder q̄ o reduz a Estado estreito:
E chega a tanta audacia a confiança,
Que ao soberbo rigor o faz sojeito,
Que determina, sò por umilhallo,
Que vâ saber o Duque, que he vassallo.

Agor

PRIMEIRO

9

24

Agora, Eterno Deos, agora cabe
Acodir ao aperto mais nocivo,
Para que a Tirania se não gabe,
Que a Iustiça prostrou cõ braço altivo.
Fazei, Senhor, q̄ saiba quem não sabe,
Que ha neste peito meu distributivo
O atributo immortal de vossa gremio,
Castigo para o mão, para o bó premio.

25

Suba pois o piadoso Lusitano
Ao trono ereditario, que usurpado
Por injuria possue o Castelhano
Mais em força, que em causa, confiado:
Libertese do Imperio do tirano
Este Reino por vos edificado,
Impere Dom I^OAO Quarto reine, & máde,
Exalte-se o modesto, & caia o Grande.

26

A qui callou. Ea Paz, que estava atenta
As razões, que a Iustiça pronunciara,
Com semblante alterado se apresenta,
Eassim fallou com voz umilde, & clara;
Detem a espada(diz) sanguinolenta,
Que na balança eterna se prepara,
Suspende teu rigor, Iustiça amiga,
Olha, no que propões, quanto perigⁱ.
Ameaçā-

CANTO

27

Ameacando está fatal ruina
 Da Coroa de Espanha à maior parte,
 Ia dentro em seus limites se fulmina
 O estrépito mortal do orrendo Marte:
 Catalunha com gente peregrina
 Bellicosa, & capaz de esforço, & d'arte
 Ia aclama (grão prodigo nesta idade!)
 A saborosa voz da liberdade.

28

Ia o assenso comū, posto que esconde
 As obras ou por medo, ou por respeito,
 Com animo uniforme corresponde
 Ao som da novidade bem aceito:
 Apenas tem lugar Espanha, aonde
 Não salte o coração fora do peito
 Por guerra, guerra. E se eu não fora, logo
 Se publicara aguerra a sangue, & fogo.

29

D' estes universaes estrondos, d' esta
 Geral ruina, que a soberba Espanha
 Com ameaços bellicos infesta
 Pronosticando perdição estranha:
 Onde menos retumba a voz molesta,
 Onde menos se vê guerra tamanha,
 He Portugal, a cuja nobre terra
 Escasso chega só o eco da guerra.

Pacífico

30

Pacifico obedece ao Cetro de ouro
 Do Castelhano Rei, q̄ em paz segura
 Presume ter de toda Espanha o louro,
 Que aquirio por heráça, ou por vētura:
 Discursa tu a que terra, a que tesouro
 Não prostra, & não esgota a guerra dura:
 Pois sem guerra, Iustiça, que esperança
 Terás de conseguir tanta mudança?

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

31

A Felipe o Segundo de Castella
 Aclamou Portugal seu Rei primeiro:
 Que fosse por direito, ou por cautela,
 Ia tem herdado o titulo o Terceiro:
 Sua posse he tão larga, que com ella
 Corada com o titulo de herdeiro
 Basta para excluir qualquer direito
 Do Principe, que julgas mais perfeito.

32

Quanto mais que eu não sei, q̄ seguráça
 Possas dar ao designio, que decretas,
 Se ao primekro Felipe por herança
 Derão estas Coroas os Planetas:
 E se imaginas, que o teu Duque alcāça
 Direito a Portugal, as leis quietas
 Podem fazer que seu valor se entenda;
 Julgue a jurisprudencia esta contendia.

Olha

33

Olha para Felipe, o que prudente
 Se intitulou, verás, que lhe cabia
 (Por ser, qual foi, varão, & descendente
 Del Rei Dom Manoel) a Monarquia:
 Aquelle Dó Manoel, aquem o Oriente
 Rendeu as gaias, com que enfeita o dia,
 Foi pai da Emperatriz mái de Felipe:
 Quem pode pois aver, q̄ se antipe?

34

Dirás tu, que a Princesa Caterina
 Neta do mesmo Rei té melhor parte
 No Reino, melhor causa, & q̄ he mais dina,
 Por ser filha do Infante Dom Duarte;
 Mas de que modo alinha feminina
 (Se o vinculo do Reino se não parte)
 Has de antepôr, Iustiça, ao varão forte,
 Que só por ser varão melhora a sorte?

35

Avendo pois nos grãos húa igualdade,
 Pois ambos netos saõ do Rei ditoso,
 Pelo sexo Felipe, & pela idade
 No titulo prefere magestoso:
 Cesse por tanto, cesse a novidade,
 Que inculcas a este Reino venturoso;
 Deixa a guerra, Iustiça, mete pazes:
 Que assim contigo mesma satisfazes.

Dice

36

Dice. Mas a Iustica pondo a vista
 No fiel immutavel da balanca,
 Aquem não ha respeito, que resista;
 Nem temor, que inquiete a segurança;
 Fazendo na memoria breve lista
 Do que propunha a Paz, com téperaça
 Do rigor; mas no efeito rigurosa
 Deste modo replica à Paz medrosa:

37

Até quando (lhe diz) Paz, até quando
Queres, que sofra minha espada justa
 A lojeição do cativeiro infando,
Que à gente Portuguesa tanto custa?
 Até quādo ha de estar de mim triūfado
 Com teu favor a tirania injusta?
 Até quando teu ocio finalmente
 Ha de enbotar de Luso o brio ardente?

38

Confessas, que já Espanha é guerras arde
 Parte no afecto, & parte no exercicio,
 E estará Portugal, sendo covarde,
 Por extremo de umilde dādo em vicio?
 O beneficio, quando chega tarde,
 A penas se nomeia beneficio:
 Se ha de acodir a Portugal meu braço,
 Não morra em dilacões o bē, que faço.

Quc

39

Que importa, ò Paz, q̄ do geral rebate
 Só chegue o eco à Lusitana terra,
 Se sofre com os ecos mais combate,
 Que os outros Reinos có a mesma guerra:
 Que guerra pode aver, que pior trate
 A hū Reino, q̄ esgotarlhe quāto encerra
 De sustícia, rasgá dolhe as entranhas
 Para solicitar guerras estranhas?

40

Eu não pretendo guerra, meu intento
 Não encontra o sosiego à monarquia;
 Sò pretende meu justo pensamento,
 Que reine livre quem reinar devia:
 Se a ambição afectar atrevimento
 Contra o recto motivo, que me guia,
 A defendello estou aparelhada:
 Que esse he o preciso éprego d'esta espada.

41

Se apaz he destruiçō da liberdade,
 Do esforço, do valor, & da virtude,
 Para buscar segura utilidade
 Melhor será q̄ é guerra apaz se mude:
 Naça da guerra a paz: q̄ a átiguidade,
 Que he mestra dos Estados, a isto allude,
 Quidó aprovou por boa a paz, q̄ custa
 Boa guerra, & a boa sempre he justa.
 E quaonto

42

Equanto ao que argumentas do direito,
 Que tinha a Portugal o Castelhano
 Sempre dos Portugueses mal aceito,
 E sempre rebatido com seu dano:
 Quando opesastes no fiel direito
 D' esta balança, viras teu engano:
 Não tem direito, não, nem lho concede
 A Iustiça immortal, que a Dó loão pede.

43

Nem posse lhe aproveita, nem compete
 Propriedade algúia ao de Castela,
 Por mais abonações, que lhe promete
 Esse injusto temor, que te desvela:
 Porque não val a posse aquem se mete
 Com má fè, por violécia, ou por cautela
 Intruso na apreensão do alheio estado;
 Acto de toda a lei sempre estranhado.

44

E para que melhor te signifique
 Do que proponho a causa averiguada,
 Sem que có digressões o certo implique,
 Dáme atenção hú ponco, Paz amada:
 Supõe, que o Cardeal Rei Dó Enrique,
 Por deixar Lusitania sc. Segada,
 Quis, que nesta coroa sucedesse
 Quem mais direito à sucessão tivesse.

Antes

45

Antes que lhe chegasse o fatal dia,
 Que ao mais largo poder he termo estreito,
 Porque se deferisse a monarquia
 Ao justo sucessor; não ao eleito,
 Mandou, que quem o Reino pretendia,
 Pela tela ordinaria de direito
 A codisse a allegar o fundamento
 De sua pretensaõ, de seu intento.

46

Com outros, de que já se não duvida
 Felipe, & Caterina litigavão
 Ventilandose a causa defendida,
 E impunada d' aquelles, que a tratavão:
 Antes de se julgar, faltou a vida
 A Enrique. E dos q nella se empregavão
 Hús por fraqueza, & outros por cobiça
 Esquecêrão os meios da justiça.

47

Felipe mais, que todos, poderoso
 Antecipou as armas, & a cautela,
 E conduzió exercito orgulhoso
 Da milicia melhor, que vio Castella:
 Ao som dos atambores belicoso
 Fez decidir a causa, sendo nella
 Os juizes inabeis, corrompidos,
 Fora do Reino; & ao temor rendidos.

48

De cinco lhe daõ tres o não devido
Cetro contra a opinião de toda a gente,
Cujo voto na força desvalido
Se rendeu ao poder mais insolente:
Sendo o Reino por força conseguido
Dos mais, & sedo a poucos cegamente
Comprado, o Castelhano dice dele:
Conquistele, compêle, iere ele.

49

Já pois se vê, que estando principiado
O juizo, Felipe não podia,
Sem cometer delito de atentado,
Interromper a lide, que pendia:
E que antes do processo ser julgado
Por legítimos termos, não devia
Apossar-se do Reino, que primeiro
Se avia de julgar ao justo erdeiro.

50

Sem embargo de tudo, o Castelhano
Armado se meteu com mão violenta
Na possessão do Reino Lusitano,
Que minha espada restaurar intenta:
Mal podia a violencia, mal o engano
Dar posse justa da Coroa isenta;
As Leis o dictaõ, a razão o clama:
Digao toda a escritura, & toda a fama

B

Não

51

Não prescreveu a posse mal havida,
 Pois que doze lustros conservada:
 Pois era por direito resistida,
 Quanto foi por violencia mal fundada:
 As leis daõ, que ha de ser restituída,
 Quando foi a Republica enganada:
 Enganado está Luso: quem ignora,
 Que té restituição, & que a implora?

52

Até o presente nunca Luso teve
 Copia de obrar o que quisera logo,
 Porq' estava o poder gelado em neve,
 Quâto estava o desejo ardêdo é fogo:
 Agora tem lugar, agora deve
 Armar com graõ valor o marcial jogo:
 Sem que o direito seus decretos torça,
 Restaure força justa a injusta força.

53

Não menos manifesto fundamento
 Lhe nega ao Castelhano a propriedade
 Pois que diz teu débil argumento,
 Que os Felipes reinarão por erdade:
 Que injusta lei, que cego entendimēto
 Injustiça tão clara persuade?
 Se queres conhecer a quem cōvinha,
 Vê a representação, observa a linha.

E.

54

El Rey Dom MANOEL, a cuja gloria
 Maior, que o giro do Planeta de ouro,
 He curta toda a rima, & toda a istoria,
 He breve toda a palma, e todo o louro:
 Despoisque eternizou sua memoria
 Cō trofèos immortaes do Trace, e Mouro,
 E com triunfos da fè, que se estendia
 Por suas armas, mais que a luz do dia.

55

Trasladado a reinar em melhor parte,
 E a coroarsc de hūa, & outra estrella;
 Entre as quaes assistio Divino Marte
 Mais dino de gozar a esfera bella:
 Deixou filhos, *O Infante Dom Duarte,*
Dona Isabel Rainha de Castella,
E Enrique Cardeal, que despois teve
A coroa de Luso tempo breve.

56

Primogénito foi *Dom Iоао Terceiro*
 Possuidor do cetro Lusitano
 Cujo filho *Dom Iоао pagou primeiro;*
 Que o generoso pai, o feudo humano:
 Seu neto *Sebastiāo* foi seu erdeiro,
 A quem tirou o barbāro Africano
 Avida, ou a coroa: que ainda agora,
 Se a perdição se sabe, o mais se ignora.

Bz

Sebas.

57

Sebastião não tinha descendente,
 Passou ao transversal a regia erdade:
 De hū Rei, q̄ professava esforço ardēte,
 A hū Rei, que professava piedade:
 Trocou *Enrique* o báculo clemente
 Pelo cetro da justa Magestade:
 Morreu s̄e descendencia, & quis opovo
 Gozar dos tráversaes outro Rei novo

58

Filha de *Dom Duarte Caterina*
 Representando o mesmo *Dom Duarte*
 Com a prerogativa masculina
 Na pretensão sustenta a melhor parte:
 Que, como o pai, se a dura Libitina,
 Que as pretéções do mūdo atalha, e parte,
 Lhe não trouxera o ultimo gemido,
 Seria na coroa preferido.

59

Do mesmo modo preferencia tin h
 Per representaçāo privilegiada
 A filha generosa, aquem convinha
 A erança por injurias usu pa a:
 E basta, que estivesse em melhor linha,
 Para ter a intenção melhor fundada:
 Se queres brevemente ver a prova,
 Ouve a resolução, que não he nova.

Para

60

Para se deferir algúia erdade,
 Que de vinculo tenha semelhança,
 Toda a jurisprudencia persuade,
 Que hū d' estes quatro titulos a alcança:
 Seguese a linha, o grão, o sexo, a idade
 Por ordem sucessiva: E nunca a erança.
 Faz a outra linha salto, sem primeiro
 Faltar na preferida todo o erdeiro.

61

Por morte de Manoel fez linha a parte
 Cadaqual de seus filhos generosos:
 E pois na erança, que se não reparte,
 Sempre são os varões mais venturosos:
 Entra a linha do Infante Dom Duarte,
 E os descendentes della são forçosos
 Sucessores do titulo mais alto:
 E avendoos, nunca o Reino farà salto.

62

Logo pois Caterina he descendente
 Na linha de Duarte, Caterina
 Prefere na coroa ao Rei prudente,
 Não prudente na força, que fulmina:
 E sobre tudo, ó Paz, não he decente,
 Que se una com coroa peregrina
 A coroa de Luso, se investigas
 Os costumes do Reino, as leis antigas.

CANTO

63

Quanto mais q̄ ainda a ser o Castelliano
 O sucessor legitimo de Luso,
 E a não ser por violencia, & por engano
 Na injusta possessão do Reino intruso:
 O cetro tem perdido por tirano
 Da monarquia, & pelo enorme abuso
 Da Magestade, tendo violentado
 Iuntamente o profano, & o sagrado,

64

Se observas na prudente fantasia
 Os comūs da Politica estatutos
 Em que consiste a injusta tirania,
 Verás, que te respondem refolutos:
 Que aquelle, que carrega a monarquia
 Com peso intoleravel de tributos,
 Posto que tenha otítulo propicio,
 He tirano do Reino no exercicie.

65

O que empobrece o povo: O que procura
 Nova guerra: O que tira da cidade
 O poder, & o saber por ter segura
 Do valor a ambição, & da verdade:
 Se aqui consiste a tirania dura,
 Iulga, Paz, que maior calamidade
 Pode ter Portugal da que padece
 No barbaro governo, a que obedece.

Detão

66

De tão grandes tributos o carrega
 Felipe, qne já o povo sustentallos
 Não pode, por q a carga informe chega
 A mudar em cativos os vassalos:
 Tanto empobrece já a cobiça cega
 Os òmés, pretendendo só cansallos,
 Que oprime injusta, porq mais te doas,
 Não só já as possessões; mas as pessoas.

67

As guerras, que de novo multiplica,
 O Paz, são tantas, q em razão me fúdo,
 Se meatrevo a dizer, que se publica
 Enemigo comû de todo o mundo:
 Seu maior aparato se fabrîca
 No pobre Portugal, cujo profundo
 Assento d'armas, & guerreiros nobre
 De guerreiros, & d' armas fez já pobre.

68

Os varões, de valor, os celebrados
 Nas artes liberaes, & os de mais porte
 Da saudosa Patria desterrados
 Por engano convoca à sua Corte:
 Validos os injustos, mal premiados
 Os de merecimento, sem que importe
 O vicio, ou a virtude, a razão gême,
 E se há mais que temer, ainda se teme.

69

Pregunta agora á lei, que justa pena
 A hū Principe tirano se promete?
 Verás sem controversia, que o condena
 Como a quem força publica comete:
 Quem padece esta força a lei ordena
 (Se he necessario, q ainda ta interprete)
 Que possa desforçarse, & lhe permite,
 Que aforça audaz cõ outra força evite.

70

Tambem dispoé, que aquelle, q atrevido
 Despoja outro da posse que sustenta,
 O direito da causa tem perdido,
 Sò porque cometeu accão violenta:
 Logo ainda que Felipe fora havido
 Por Rei legal, constando, que frequêta
 Tiranicas accções, bem pode o povo
 Desforçar-se aclamado outro Rei novo.

71

Não será o Duque pois quem este efeito
 Procure, ainda que tenha faculdade,
 Porque nē de ambicão fique sospeito,
 Nem o usucapião allegue idade:
 O mesmo Reino, a quem este direito
 Compete, recupere a liberdade:
 E posto nella, então ao Duque chame,
 Para o cetro o eleja, Rei o aclame,

Que

PRIMEIRO

25

72

Que como contra o Reino não procede
A prescripção, que acaso allegaria
O Catolico Rei, se não excede
A memoria dos òmens mais tardia:
A restituicão, que o Reino pede,
Muito d' este limite se desvia:
Que, se bem padeceu danos eternos,
Sómente os padeceu sessenta invernos.

73

Restitúase pois ao livre estado,
Em q̄ a morte o deixou d' el Rei Enriquie,
Aclame liberdade confiido,
E logo ao Rei legitimo se aplique:
Que quando o Reyno fica despojado
De legitimo Rei, que o modifique,
Ao mesmo Reino toca sem contendā
Chamar Rei, q̄ o governe, & q̄ o defēda.

74

Portanto se pretendes, Paz amiga,
Não estragar o justo, & o decente,
Podes fazer comigo justa liga,
Em que o meio se dê mais conveniente:
Meu intento magnanimo se figa,
E tu, pois teu estilo to consente,
Juntamente obrarás. Vamos à terra
Fazer justiça, & suspender a guerra.

Fim do Primeiro Canto.

16/8/19

CANTO SEGUNDO

Dice. E na Providécia omnipotente
O, sim, se conheceu ao q̄ dicera,
Por hū aceno breve, a q̄ obediente
Os exos move toda a clara esfera:
Conhecida a vontade independente,
A pacifica forma, & a severa
Conformes no decreto, dādo os braços,
Tecerão de amizade novos laços.

2

E medindo por campos de çafira
Estadios de esplendor, milhas de estrellas,
Mais do que o Sol em muitas oras gira,
Em instantes de luz decerão ellas:
Louva o Ceo, o ar aplaude, a terra admira
A vista breve das sustancias bellas,
Que, sendo ao mundo luminoso enredo,
Caminhão para o templo do Segredo.

3

No coração da fabrica pomposa
Do sábio Grego, cujo antigo muro
A corrente do Tejo caudalosa
Vê pagar ao Oceano feudo puro;
A moderadamente magestosa
Cabeça empina hū monte, que seguro
Faz estribado em si menor jactancia
Da altura, que da pôpa, & da constâcia.

Todo

4

Todo o sitio em contorno povoado
De varios edificios aparece,
E no mais alto cume edificado
O templo do Segredo permanece:
Mostrando a providencia do cuidado
Misterio no lugar: Pois só merece
O segredo fiel sagrado abrigo,
Quando na observação teve perigo.

5

As muralhas de solido diamante
Constatvão, cuja altura peregrina
Por coroa de ameias rutilante,
Senhoreando o ar, co Ceo confina:
A grave pompa, a fabrica elegante,
Sendo a metteria de admiraisé dina,
Novas admirações das almas cobra
No superior da inestimavel obra.

6

Não ha defesa algúia para a entrrada,
Mais que as leis rigurofas da saida,
Porque na porta nūca a entrar vedada,
Quādo sae o Segredo, perde a vida:
No simo do portal se vê animada
A imagem do Silencio conhecida
Em tudo por vivente, & viva em tudo:
Não falla só, porque o silêcio he mudo.

Em

7

Em colunas de bronze se sustenta
 O recto de ouro, cuja arquitectura
 Dos poderes do tempo vive isenta,
 Milagre singular em tanta altura:
 Na artificiofa màquina se ostenta
 Emula a fortaleza, & a fermosura
 Vnindo com primor maravilhoso
 O forte bello, immovel o fermoso:

8

Nas paredes em quadros guarnecidos
 De cedro, & ouro a muda poesia
 Os Heroes imitou, que combatidos
 Teverão no segredo valentia:
 Com rubis pela boca derretidos
 Hui mulher magnanima se via,
 Que a propria lingua mastigou se medo
 Por guardar o decoro de hum segredo.

9

No lugar mais sagrado se levanta
 Por diversos degraos hui trono altivo
 De tanta magestade de luz tanta,
 Que cada raio seu era hui Sol vivo;
 O resplendor alegra, quanto espanta,
 E mais suave aos olhos, que nocivo,
 Com dar ao Sol intrèpidos desmaios,
 Faz idrópica a vista de seus raios.

Estava

10

Estava na capaz circunferencia
 Do primeiro degrão depedras, e ouro
 Pitagoras, que ensina a grave siencia
 Do callar, é q̄ he digno d'hera, e louro:
 A Retorica muda da eloquencia,
Que no seu peito tem maior tesouro,
 Percebem os discipulos constantes,
Quāto mais mudos são, mais elegátes.

11.

Pelos outros degrãos com variedade
 Vistosa tem assento conveniente
 Toda a acção, que da muda Divindade
 Para se conservar he dependente;
 O Amor, a Fortaleza, a Lealdade,
O Conselho, a Constancia, & finalmēte
 Toda a virtude, que excelencias lavra
 Mais por obra immortal, q̄ por palavrā-

12

Na más sublime estancia se imagina,
 Mas naõ se mostra aos olhos, o Segredo,
 Porque cuberto está de húa cortina
 De todo o Culto misterioso entedo;
 No vêo anima a Arte peregrina
 Hum vulto magestofo, que co dedo
 Quer a boca sellar; mas sem efeito,
 Porq̄ húa banda azul o tem já feito.

Qual

13

Qual o ídolo fermoſo de Cupido,
 Divindade, q̄ o mundo rege, & māda;
 Tal vez cruel, tal vez agradecido
 Com rigor doce, cō cruidade brāda,
 Se mostra pelos olhos impedido
 Com o laço encarnado de húa vanda:
 Tal à Deidade, que silécio pede,
 A vāda azul celeste a voz lhe impede.

14

Aqui chégão com passo diligente
 A Iustiça, & a Paz, a quem não nega
 A lei do templo introduçāo frequente
 Na estácia, a que a idea apenas chega:
 Penetrar a cortina lhes consente
 A guarda, que a cortina não desprega:
 Entrao, propoé, consultāo, & resulta
 Efeito memoravel da consulta.

15

Logo se chamou dentro a Lealdade,
 A quem todo o negocio se comete,
 Dandolhe registrada faculdade
 Doque callar, doque dizer compete:
 Ella com obediente brevidade
 O responder à execuçāo remete:
 Deixando templo, corta os ares puros,
 E gira atenta de Vlissea os muros

Agora

16

Agora, Musa heroica, agora inspire
 Teu favor no meu peito valor tanto,
Que nūca o tépo oprima, & sépre admire
 A empresa gloriosa de meu canto:
 Das proprias aras do Segredo tire
 Alguns nomes eternos meu espanto
 Dos q̄ chamados para accão tão nobre
 O segredo, que guardão, mos encobre.

17

A Lealdade pois com voo brando
 O edificio de Vlisses rodeava
 Com atençāo sélicita buscando
 Varoés dinos da empresa, que levava:
 Tantos via magnanimos, que, quando
 O encomendado numero notava,
 Na copia do valor empobrecia,
 Se hūs escusava, & outros escolhia.

18

Mas evitando excessos do preceito
Que o Segredo lhe deu sépre observado,
Quarenta convocou, numero eleito,
 Que despois foi a mais comunicado;
 Hum Pedro de Mendoça, em cujo peito
 Sempre fiel, sempre ao temor vedado
 Bem se empregou a nobre confiança,
Que nunca nos perigos fez mudança.

Hum

19

Hum Dom Miguel d' Almeida, q̄ pudera
 Dar lições a Nestor na nosſa idade,
 Cuja prudencia nenhū caso altera,
 E famoso no amor da liberdade:
 Hum Dom Antonio Tello, a quē rendera
 Cesar sua maior felicidade;
 Mas ai! que Lusitania já deseja
 Seu valor, a que a Parca teve enveja.

20

Fe, não Telles illuſtre, em quem reside
 Tesouro inestimavel de prudencia,
 E Antonio Telles, que tambem preside
 Nos aplausos da bellica excellencia:
 Pollux, & Castor saõ, em quem divide
 O afecto taó ardente preeminencia,
 Que repartiraõ, já que não a vida,
 Esta parte das almas mais luzida.

21

Hum Dom Gastão Coutinho q̄ igual parte
 Alcaca ao forte Deos da esfera quinta
 Aventejando ainda ao proprio Marte
 Pois já na terra tem gloria distinta:
 Hú Dō João da Costa, é quē toda a arte
 Equestre as perfeições practica, & pinta
 Tão forte, & tão airoso, que se iguala
 A Eitor, & Adonis em valor, & é gala.

Bafia

22

Bastavão para patrias alegrias,
 E para suspensaõ da gente estranha
 Hū *Antonio*, hū *Ioão*, hū *Sancho Dias*,
 E hū *Aires*, todos gloria de *Saldanha*:
 E tu, que ao mesmo *Aquilles* desafias,
 Quando a cavallo pisas a companha,
 Valeroſo *Rui de Figueiredo*
 Onra da Patria, & dos cótrar ios medo.

23 FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÉNCIAS E LETRAS

E teu irmão *Enrique*, a quem reserva
 O Ceo no quinto globo grande parte,
 Porque deixou a escola de Minerva,
 E à escola se aplicou do grande Marte:
 Hū *Tristão de Mendoca*, e qué se observa
 Toda a opiniaõ, q o nome lhe reparte,
 Pois quanto o tépo à fama o té furtado,
 Tanto oje seu valor tem restaurado.

24

Ià para repetir os grandes *Mellos*
 Cō grande voz a obrigação me chama,
 Hū *Jorge*, & hū *Manoel*, q parallellos
 Saõ dos que sobe ao Ceo aeterna fama:
 Hū graõ *Martim Afonso*, que modellos
 Dará do afecto, cōque a Patria se ama:
 Pois ao *Monteiro* mòr, ao mor *Porteiro*
 Quem lhes será segundo, nē primeiro?

C

Hū

25

Hum nobre Dom Antonio Mascarenhas
 Exemplo fiel de Portugal antigo,
Que cõpete em cõstancia cõ as penhas
 Mais firme, quando vê maior perigo:
 Cuido, metrico ardor, q̄ te despenhas
 Sobejamente audaz, & a mim contigo,
 Se queres fazer copia epilogada
 De Dom Antão, & Dom Luis d' Almada.

26

Bem pode ser a fama testemunha
 Do que merece à Lusitana terra
O generoso titulo de Cunha
 Sépre dino de nome é paz, & é guerra:
 Para esta empresa deu Simão da Cunha
 E Tristão, & seu filho, em que se encerra
 Gráde valor não menos em seu gero,
 Rolim nos brios, se nos anos tenro.

27

Hum das batalhas singular corisco,
Que mais violéto oféd' ao q̄ he mais forte;
 Se mostra Dō Thomás, & hū Dō Fráscico
De Noronha, q̄ excede as leis da Morte:
 Outro do mesmo nome maior risco
 Prometia a Castella; mas a sorte
 Este só lhe outorgou. O quanto perde
 Neste bizarro moço Villaverde!

Quand

28

Quando dos Sousas a dizer me incito
 Num Tomé, & num Diego a qualidade,
 De seus merecimentos o infinito,
 O que he lisonja é outros, faz verdade:
 Porem de grande alento necessito
 Para cantar o esforço, & lealdade,
 Que Dom Francisco no que sabe, & ousa,
 Comunicou ao titulo de Sousa.

29

O que admirado as excellencias sigo
 Dos Meneses, q̄ encôtro nesta empresa!
 Dom Antonio Luis, & Dom Rodrigo
 Deu Cantanhede à esfera Portuguesa:
 Dom Antonio rompeu todo operigo,
 Dom Rodrigo a justiça faz Princesa,
 E Dom Afonso avétajarse ordena
 A Cesar pela espada, & pela pena.

30

Ioaõ Pinto Ribeiro, que conserva
 Com aplauso geral de todo o polo
 Os melhores tesouros de Minerva,
 As artes mais armonicas de Apolo:
 D'aquella estimação, q̄ afama observa
 Nas douradas areias do Pactolo,
 O preço abate: porque está primeiro
 A laureada opinião deste Ribeiro.

C 2

Dom

21/8/17

31

Dom Alvaro d^t Abranches, també chama
 Dino de grande musa meu cuidado,
 Mais linguas, maior voz quer dar á fama
 E ficar ao Tebano aventajado:
Francisco de Sampaio illustre rama
 De Villaflor merece ser cantado
 Pelas grandes alentos, comque alcáça
 Muito na posse, muito na esperança.

32

Do Conde d^c Atouguia eu asseguro,
 Que todo o mûndo admire, e não côpréda
 Na idade verde aviso já maduro,
 Que junto cô riqueza he maior prêda:
Dom Francisco Coutinho está seguro
 De que presuma alguém fazer cótêda
 Co valor, que em seu animo reside:
 Emfim luz d^t *Atouguia*, & de *Taide*

33

Ioão Rodrigez de Sà, que a Real praça
 De Camareiro mõr ocupa ufanio,
 Em juvenil valor prudente enlaça
 Eroico esforço, engenho soberano:
 Armado tempestades ameaça,
 Galante rouba as almas por umano,
 No sâber ansiaõ, no ardor mancebo,
 Marce nas armas, nas siencias Febo.

Dom

SEGUNDO

37

34

*Dom Rodrigo da Cunha, que já estrago
 Foi dos ereges, & despois sosteve
 Do Porto alegre, & do de Calle o bago
 A seus merecimentos premio breve:
 Ainda na Primazia foi mal pago,
 Ainda a seu peito galardaõ se deve,
 Posto que goza em Vlisseaas luzes
 A candida Tiara, & as duas Cruzes.*

35

*He magoa, que me oprime o sofrimeto,
 Não repetir de todos a memoria;
 Mas guarda a seu vivaz merecimento
 A trombeta immortal famosa istoria:
 Perdoem a ignorancia a meu accento,
 Que lhesnão nega meu afecto a gloria,
 Nem meus versos pretédem lisójeiros
 Preferir aos segundos os primeiros.*

36

*Com estes, & outros, q de igual nobreza
 São lustre, fez o numero ordenado
 Para ministros da maior proeza,
 Que sabem os anaes, o fiel legado:
 Estes em que fundou tanta grandeza,
 Convocou com solicto cuidado
 Ao téplo do Segredo: Elles não tardaõ,
 Seus passos seguê, seu decreto aguardaõ
 Por*

C 3

20/3/12

37

Por modo misterioso comunicâ
 O Segredo a seus peitos o decreto,
 Que em cada idea dos eleitos fica,
 Como nas aras immortaes, secreto:
 A admiracão aplaude, & não implica
 Discursos no juizo mais discreto,
 Fazendo aquelles corações valentes
 Mais admirados, quânto mais prudêtes.

38

A Ioaõ Pinto Ribeiro se p' elcreve
 O q' se ha de observar na épi'ela altiva,
 A cujas ordés obediencia d' ve
 Q' é mais discurso, & mais valor aviva:
 Da Lealdade obra foi, que nunca teve
 A maior sojeição por excessiva:
 E do sabio Ribeiro a graõ prudencia
 Bem merece dos fortes a obediencia.

39

Ficando emfim seus animos constantes
 Nas aras do Segredo, & a Deidade
 Traduzida a seus peitos vigilantes
 Por obra superior da Lealdade:
 A justiça, & a Paz pelas radiantes
 Esferas tornão à immortal cidade,
 E os Eroes, q' não tê noimundo exépto,
 Deixaõ alegres o sublime templõ.

Era

40

Era do tempo na estação ignava,
 Quâdo Quiron furtar ao Sol se atreve
 Raios de ouro, q guarda para a aljava,
 E gasta liberal raios de neve:
 Quando as calendas decimas contava
 O circulo solar com luz mais breve,
 E quando em fim a Igreja repetia
 Vesperas certas do ignorado dia.

41

O Sol cõ força alegre mais, que activa,
 Na campina dos ares toca a guerra
 Cõtra a tirana accão da noute esquiva,
 Que lhe usurpa o imperio sobre aterra:
 As aves, que então cátão, gritão: viva,
 Viva o Sol agradavel, que desterra
 As tiranias, com que a noute escura
 Mostra o terror, esconde a fermofura.

42

E ja os restauradores generosos
 Da Patria a seu valor agredecida
 Os peitos alentavão religiosos,
 Cõ o paõ, q he penhor da eterna vida:
 Logo prudentemente valerosos
 Eroica esquadra em hú afecto unida
 Para o Paço caminhaõ, bê q armados,
 Mais em razão, q em armas, cõfiados.

43

Nem callarei por singular empresa,
 Que maiores encomios merecia,
 D' húa Eroica senhora Portuguesa
 O animo, o valor, a bizaria:
 No verdadeiro amor da Patria acesa
 A illustre mãi do Conde da Atouguia
 Os filhos com a propria mão armara,
 E para a accão, que sabe, os exortara.

44

Com divisão unívoca entretidos
 Andavão esperando a fatal ora,
 Na maior advertencia divertidos
 Naó daó que sospeitar a qué a ignora:
 Quanto mais espalhados, mais unidos,
 Pela Real estancia se melhora
 Seu partido incapaz de todo o medo
 Na observácia inviolavel do segredo.

45

No sonoro metal, que o tempo mede
 Por círculos, & p' eslos governado
 Com artificio, que o violento impede,
 E com modo, que solta o moderado:
 Nove vezes a clausula sucede
 Do ferro em movimento cópassado,
 Termo fatal para a maior façanha,
 Que cóntra a patria istoria, e' a estranha.

A codem

46

A còdem logo em individuo espaço
 A óde a Guarda Alemã a entrada sella
 Com sollicito ardor ao regio Paço
 Pelo amor mais guardado, q por ella:
 Cortase logo aqui oprimeiro laço
 Da servidão odiosa de Castella
 Ao som de húa pistola, a cujo estouro
 Abrio a Liberdade seu tesouro.

47

Querem os Alemaes com cego brio
 As armas defender aos Lusitanos
 Ignorando o suave senhorio,
 Que o tépo lhe escódeu por tátos anos:
 Alguns se rendem logo ao medo frio,
 E as costas voltaó aos futuros danos,
 Mas outros atrevidos sem prudencia
 Emprendem temeraria resistencia.

48

O que mais contumaz na inútil guarda
 Do bétlico instrumento se exercita,
 Quâto mais é renderse a Luso tarda,
 Contra si mesmo maior dano incita:
 Ganhou-lhe a formidavel alabarda
 Frænciço Brandão Freire, a quē irrita
 Verle ferido já; mas aférida
 Paga o Alemano forte com a vida.

la Tristão

49

Ia Dom Costão Goutinho se embaraca
 Com outro, que devalde se defende;
 Porque cō elle o Português se abraça;
 E a suas forças o Alemaõ se rende:
 Francisco de Sampaio tinha traça
 De dar a morte a outro, que pretende
 Resistir a seus brios atrevido;
 Mas elle achou fugindo bô partido.

50

Com grão valor Rui de Figueiredo
 A hū valente Alemaõ rajo do Norte
 Ora provoca a ira, & ora a medo
 Com ameaços pallidos da morte:
 Este, antes de fugir, parte d' hū dedo
 Cortou ao Português discreto, & forte,
 E logo o dedo aproveitou a istoria
 Para escrever á fama esta memoria.

51

Tomé de Sousa com esforço ardente
 Cōtra douz Alemaes a espada esgrime:
 O primeiro escapou por diligente,
 O segundo se rende a quem o oprime:
 O resto do esquadraõ, q̄ as forças fēte
 De Luso, & naõ tē força, q̄ o anime
 Contra o valor, a quē nenhū se iguala,
 As armas deixa, & desempede a sala.

Neste

52

Neste tempo entoava o grave accento
 De Dom Miguel d' Almeida: LIBERDADE:
 Liberdade, tambem respôde o véto,
 Que em mil ecos repete a suavidade:
 Teve aqui a tirania seu torméto,
 Teve aqui sua gloria a lealdade,
 E amesma voz nos ares repetida,
 Mortificando a hūs, a outros dà vida.

53

Entre tanto o esquadrão mais alentado
 Dos nobres, desprezado a menor presa,
 Passa ao Quarto do Forte, óde alojado
 O jugo està da gente Portuguesa:
 Este era da façanha o mór cuidado,
 Este era o mór perigo d'esta empresa;
 Aqui núa cabeça consistia
 Todo o cego poder da tirania.

54

Estavas, ò Miguel, em vil sossego
 De Portugal gozando o verde fruto
 No cume da ambicão soberbo, & cego,
 Que naó cõsete o Ceo , q dure muite;
 Do Guadiana ao Minho, do Môdego
 Ao Tejo pretendias ver enxuto,
 Esgotando tributos das ervinhas
 Com a sede immortal, q delles tinhas.

Quic

55

Quebrando os privilegios da Nobreza,
 E violando as leis da cortesia,
 Nem respeito guardavas à grandeza,
 Nem guardavas decoro à fidalguia:
 Chorando cruidades a pobreza,
 Sofrindo sem razões a valentia
 Tudo exprimia ó, padecendo tudo
 Có brados, o sentir, & o sofrer mudo.

56

Na presumpção maior dos atrevidos
 Intentos, que te dava a confiança,
 Chegou dizédo a fama a teus ouvidos,
 Que era Rei nosso o Duque de Bragáça
 Ficara ó admirados teus sentidos,
 Ficou teu coração sem esperança:
 Com pena viva, & confiança morta
 Quiseste à morte ferrolhar a porta.

57

Mas Pedro de Mendoça, a quem devia
 Portugal grande parte d'esta empresa,
 Porque não descansando noute, & dia
 Foi Mercurio da gloria Portuguesa:
 Vendo, que o Vazconcellos se escódia,
 Có alma em zelo, & em valor acesa,
 Porque a tardança obélhe não dilate,
 Com instrumento ferreo a porta bare.

Ren-

58

Rendeuse a dura tâboa ao ferro duro

Impellido da força vigorosa,
Viose o caminho a berto, & não seguro
De turba de criados numerosa:
Hum, que quis atalhar ao mal futuro;
Com mão, mais que valente, receosa,
Dispara húa pistola, cuja bala
Na mão a *Antonio Telles* assinala.

59

Não desanima o Português ferido;

ntes com aferida mais se alenta:

Que o sangue illustre pela mão vertido
Obrigações aos olhos representa:
Elle, & os mais com animo atrevido,
A fujentado aquem vedarão intenta,
Pela arrombada porta entrão logo
Ameaçado aos cõtrarios ferro, & fogo.

60

Foge correndo o numero covarde

Vencido áres do medo, que da morte,
lá não ha quem resista, nem aguare
Do fogo o tiro, nem do ferro o corte.

Hū, q̄ para correr acha, que he tarde,
Quer voar da janela do alto Forte;
Mas, sem q̄ asas de cera o sollhe domo,
Podia dar à terra novo nome.

Qa

61

Quis I rebanho de ovelhas descuidado
 Cometido ao venavel pegureiro
 Pacendo a relva no viçoso prado
 Ouvi o leão rugir nalgum outeiro:
 E do frio temor arrebatado
 Foge deixando o pasto lisonjeiro:
 Tal a timida esquadra se retira
 Antes da voz dos nobres, que da ira.

62

Desempedida a sala, & ja segura,
 Falta cumprir o principal intento:
 Ser autor delle cadaqual procura
 Com brio illustre, com fogoso alento:
 Aquem daria o fado esta ventura?
 Digao a Musa em mais sonoro accéto:
 Hú só a consegue; mas por varios modos
 Todos a buscaõ, & a merecem todos.

63

Tanto que o Vazconcellos vio quebrada
 Aporta à cortesia nunca aberta,
 Quis escapar com alma perturbada
 A morte, que só então teve por certa:
 A hú lugar escondido se translada
 Estancia a seus contrarios encuberta,
 Que naõ o achado, julgaõ cõ dor alta
 (Ebê o julgão) q o melhor lhes falta.

Ioaõ

64

Ioaõ Rodriguez de Sà, que generoso
 Fazer parelha ao das galés aspiras
 Como no tronco, & nome glorioso,
 No esforço singular, q̄ o mudo admira.
 Ao peito de húa escrava temeroso
 O que era zelo puro, ostenta em ira,
 Dizendolhe: Óde està este móstro ingrato?
 Se o não descobres logo, aqui te mato.

65

Teme o peito servil os ameaços,
 Que darião temor a hū peito forte:
 Palpita o coracão, caem os braços
 Da escrava, q̄ imagina certa a morte:
 E desatando mal da lingua os laços,
 Antes q̄ o chubo ardente a voz lhe corte,
 Està; não dice, alli, muda co medo;
 Mas começa a palavra, acaba o dedo.

66

Estava a parte esquerda hū dilatado
 Archivo de papeis, que recolhia
 As consultas, & oraculos do Estado,
 Compendio da maior secretaria:
 Este lugar ao Sà foi finalado
 Da escrava, a quem o medo tinha fria:
 Nelle està o Vazconcellos, nelle espera,
 Não fugir, dilatar a morte fera.

Mas

27/3/113

67

Mas Aires de Saldanha, que mais perto
 Acaſo està da eſtancia demoſtrada,
 Ao aceno da eſcrava acòde elſpero,
 E abre a porta, q̄ eſtava mal fechada:
 Apenas vió o Sà o archivo aberto,
 Quando correndo a elle ſe trasiada,
 E vê, q̄ entre os quadernos o enemigo
 Repreſenta o delito, & o caſtigo.

68

Em breve iſtante a illuſtre fantasia
 Propoé ao Sà húa dūvida galharda
 Entre a resoluçāo, & a valentia,
 E quāto húa o incita, outra o retarda:
 O nobre coraçāo não permitia
 Matar a quem ſem armas ſe acovarda,
 A Patria pede, que animoso o mate:
 Grande foi neſta dūvida o combate:

69

Venceu o amor da Patria ao pensamēto
 Do amor da propria gloria cobiçoso,
 Se bem assim vencido o nobre alento
 Mais glorias aquirio de vitorioso:
 Deu poiſ a mão illuſtre movimento
 A hū raiō artificial, que ſonoroso
 Espalhando relampagos na ſala
 No titiſte Vazcōcellos cospe a bala.

Não

70

Naõ avia mister outra ferida
 Para exalar o espírito anelante,
 Pois da respiração, que anima a vida
 Esta sò foi estrago penetrante:
 Mas a inurbanidade mal sofrida
 De todos por injusta, & arrogante
 Como irritou a muitos, ainda a Icança
 De muitos odio, cólera, & vingança.

71

Ainda o sangue vital lhe palpitava,
 Ainda defunto o corpo se não cria,
 Ainda o calor extrínseco durava,
 Ainda o frio mortal se suspendia:
 Eja a valente esquadra o despenhava
 Do sublime aposento à terra fria:
 O misero escarmento da insolencia!
 O juizos da eterna Providencia!

72

Este, que nas bonanças de ventura
 Pretendeu excederse a si, & a ella,
 Este, que na soberba mal segura
 Faetonte foi de Luso, & de Castella:
 Precipitado cae à terra dura,
 Achando apenas morto espaço nella,
 E onde foi adorado, & foi temido,
 Vem a ser desprezado, & abatido.

D

Ene

73

Este, que ao Eclesiástico legado
 Moveu com seus poderes dura guerra,
 E o fez caír à terra mal tratado,
 Iá sem vida, & sem onra cae à terra:
 A prenda aqui o soberbo, & confiado
 Nas auras da fortuna, quanto erra
 A presumpção de hú cego pésamento,
 Pois toda a pôpa humana he fumo, & vento.

74

Foi este precipicio delengano
 Universal a todos igualmente,
 Que emmudeceu a voz do Castelhano,
 E as vozes animou da Lusa gente:
 Quebrou obrio a quem quisesse ufano
 Culpar resoluçao tão excellente,
 E acrecentou esforço a quem podia
 As vinganças temer da tirania.

75

Neste comenos Dom Antão de Almada
 Com Dom João da Costa, & com o Mello
 A Princesa de Mantua perturbada
 Seguraó com solícito desvelo:
 Confusa, receosa, & alterada
 Cria a vida pendente de hú cabello,
 Bem que mostrando varonil jaetancia
 Quâto mais teme, ostéia mais cõstacia.

Mas

SEGUNDO 51

76

Mas elles respeitosos ao direito
Do sexo feminino, & respeitosos
Ao sangue Português, q aquelle peito
Erdou de nossos Príncipes gloriosos:
Corteses lhe prometem mais respeito,
Do q pode esperar dos que queixosos
Sentem as semrazões, que a tirania
Por mão d'esta Princesa cometia.

77

Tanto que o Vazconcellos despenhado
Foi misero espetáculo da gente
Medindo o q ha de injusto a castigado,
Eo que vai a abatido de insolente:
Na vingança mortal do vulgo irado
Sentindo aquelle corpo, que não sente,
Toda a calamidade, toda a injuria
Da raiva livre, da offendida furia.

78

O fiel *Mascarenhas* animoso
Com o *Tello*, & com outros a cavallo
Discorre por Lisboa vitorioso
Dizendo, & todos folgão de escutallo:
Viva el Rei Dó IOAO Quarto: Ao só glorioso
D'esta ditosa voz não ha vassallo,
Que com resolução leal, & altiva
Mil vezes não responda: VIVA, VIVA.

Dz

Aflor

79

*A flor de Cantanhede com cuidado
 Dino de seu valor, & lealdade
 Acòde logo ao inclito Senado,
 Onde assiste o governo da cidade:
 O Conde, que preside, ouve admirado
 A relaçāo da eroica novidade:
 Porque teve o segredo tal concerto,
 Que ate do filho ao pai foi encuberto.*

80

*Já no Senado a mesma voz se entoa
 Aos ouvidos de todos lisonjeira:
 Já do Senado pelas praças voa
 Triunfando nas lisonjas verdadeira:
 Adalmando a legítima coroa
Dom Alvaro d' Abranches a bandeira
 Real arvora, a cuja vista o povo
 Rende nova alegria, a plauso novo.*

81

*Já Tristão de Mendoça conduzia
 Húa manga fiel de arcabuzeiros,
 Socorro, que a prudencia prevenia
 A qualquer risco aos outros cópanheiros:
 Mas tanto amor, & tal concordia guia
 Os animos leaes, & verdadeiros,
 Que o que foi providencia cuidadosa,
 Veio a ser na occasião pompa ociosa.*

Fim do Canto Segundo

CANTO TERCEIRO

1

Restituido o Reino Lusitano
A aquela liberdade, é q̄ o deixara,
Quando o tributo satisfez humano
Henrique, & se passou à esfera clara:
Excluido o imperio o Castelhano,
E sacudida a violencia rara
De seu jugo, não sendo impedimento
Armas, presídio, voz, nem pensamento.

2

Os nobres, porque o Reino não careça
De mão, q̄ as redeas tome à monarquia,
Porque não seja corpo sem cabeça,
Por q̄ não falte luz ao novo dia:
Elegêraõ governo, a que obedeca
O Reino que ditoso renacia,
Substituindo luzes a esta esfera,
Em quanto tarda o Sol, q̄ mais se espera.

3

A nobreza, o senado, & muita gente,
Que a justa aclamação trouxe consigo,
Concorrem com afeto diligente
A o sagrado Palacio do *Rodrigo*:
O governo lhe daõ, & elle contente,
Mostrádo a todos o sembrâte amigo,
O governo aceitou, & sem tardança
Para o Real Palacio fez mudança.

D 3

Com

30/5/17

4

Com a pompa, a que então dava licéça
 A suspensão do jubilo sagrado,
 Cõque vingou o Nuncio por sentença
 A audacia, comque fora desterrado:
 Benino, & agradavel na presença
 Procede entre infinitos o Prelado,:
 Com cuja autoridade mais se anima
 O povo, que o venera, & que o estima.

5

Passando pela porta preciosa,
 Que ao melhor Português já foi Oriête,
 A aquelle, que fez Padua venturosa
 Elegendo em seus muros o Occidéte:
 O sagrado Pastor a alma fogosa
 Sétio banhar no amor da Patria ardéte
 Forçosa inundacão do amor divino,
 Que o coração lhe abrasa de contíno.

6

O passo suspendeu, & levantando
 As mãos, e os olhos à arvore escolhida,
 Em que morto pendia; mas triunfado,
 Quem nos cōprou à morte cō a vida:
 Articulando a voz accento brando,
 Mas de veemente espirito nacida,
 Ao retrato de Deos Crucificado
 Assim fallou umilde, & confiado.

Piadoso

⁷
Piadoso Redemptor da liberdade

Da Natureza humana, que foi presa
 Na masmorra tirana da crueldade,
 Em q a culpa naõ tinha outra defesa:
 Vos vistes a mortal calamidade,
 Que padecia a gente Portuguesa
 Na masmorra cruel da tirania,
 De que livrarse só por vos podia.

⁸

Por vos, em vos, cōvosco, é vosso nome
 Se principiou a empresa, q inspirastes
 A este Reino fiel, para que tome
 O auspicio, cōque afavel o formastes:
 Prosigia pois, Senhor, o auxilio, & dome
 A quem negar o escudo, que lavrastes:
 Empenho he do favor, q ainda não cessa;
 O auspicio, quanto mais húa promessa.

⁹

Callou. Mas (ò milagre soberano!)
 Da Cruz se descravou a mão direita
 D' aquelle ômē divino, & Deos humano,
 A quem a fē amorosa foi accita:
 Se algué por pouco amor, ou muito êgano,
 Que acaso a maõ se descravou, sospeita,
 Advitta, que segunda vez cravada
 Segunda vez admira despregada.

10

Que declarais à gente Lusitana,
 Senhor, em maravilha tão dícosa?
 Ou he, q̄ a esta obra, mais q̄ humana,
 A vossa mão pusestes poderosa?
 E se toda esta fábrica mundana
 Tão grande, tão illustre, tão fermosa
 Obra he do vosso dedo, de que modo
 Serà agora a que leva obraço todo?

11

Ou he, que a mão Divina ratifica:
 O conselho dos òmens acertado?
 Ou he, que o vosso braço certifica,
 Que está à nossa defesa aparelhado?
 Ou he, que a vossa mão nos significa,
 Que o prazo venturoso he já chegado
 Da promessa, que fez ao Rei primeiro,
 E cō o dedo o mostra é seu erdeiro?

12

Ou he, que este I^oAD vos representa
 A quelle Precursor Divino, aquelle,
 Que no Iordão co dedo vos ostenta,
 E Precursor quereis mostraryos delle?
 E como a mão de glorias opulenta
 A aquelloutro assistio, lhe assiste a elle,
 E sendo Redemptor de todo o mûndo
 Mostrais a Portugal este segundo?

O^o

13

Ou he, que, restaurada a liberdade
 Da gente sempre vossa Portuguesa,
 Soltandose comnosco persuade
 Vossa mão, que cónosco estava presa?
 Ou para dar o cetro, a magestade,
 E a coroa de Luso nesta empresa
 Ao nosso Rei DOM JOÃO se embaraço,
 Se solta vossa mão, se estende obraço?

14

Ou he, q̄ a mão direita , é que se encerra
 O piadoso tesouro da brandura,
 Misericordias abre à nossa terra,
 Que, porq̄ he vossa, as gozara segura?
 Ou he, que vossa mão nos desencerra
 Do carcere cruel, da prisão dura
 Do estranho jugo, & com favor suave
 Desprega a mão para voltar a chave?

15

Tudo serà, Senhor, que tudo espera
 Este Reino fiel, que em vos confia:
 Pois o que em muitos anos padecera,
 Vossa mão lho restaura em hū só dia:
 Encontrenos embora quem se altera
 Fiado na paciencia, que em nos via,
 Pois temos vossa mão, q̄ omnipotente
 Assiste protectora à nossa gente.

Tomando

32/807

16

Tomando no favor do sacro braço
 Seguras melhorias de esperança,
 Procede o Arcebispo em breve espaço
 Para onde já o levava a confiança:
 Estava já o Primaz no Regio Paço,
 Com quem o de Lisboa sem tardança
 O q̄o estado das cousas mostra, & pede
 Consulta grave, diligente expedie.

17

Ià Dom Gastão Coutinho nesta ora
 Em companhia de Aires de Saldanha
 Ao Senado de Astrea, que o ignora,
 Tinhão denunciado esta façanha:
 A fortuna dos presos se melhora,
 Que cadaqual a aplaude, quâto a estranha:
 Pois para ser geral felicidade
 Atodos selles dêrão liberdade.

18

Ià atravessando as Praças de Lisboa
 De quatro filhos seus acompanhado
 Com grande alento à mesma voz entoa
 Sem temor o zeloso Maldonado:
 Onde d' esta ventura o clamor soa,
 Vem a ser eco o gosto, que espalhado
 Em repetidas vozes tem aumento
 Formando mil accétos cada accento.

Ià

TERCEIRO

59

19

Ià pacificamente obedecida
 A leg tima voz do Lusitano,
 Ià dos muros de Vlisses excluida
 A voz prejudicial do Castelhano:
 Ià a Republica toda reduzida
 A hū vinculo, a húa paz, a hū deségano:
 Efeitos, que admirou a voz sonora
 Da fama vaga em pouco mais d' húa ora.

20

Logo em asas, que Amor formado tinha,
 Parte Jorge de Mello alvoroçado
 A dar ao Duque aviso, que convinha
 Virse apossar do Reino restaurado:
 Pelas estradas voa, & não caminha;
 Mas do mesmo alvoroço estimulado
 Lhe afigura o desejo, & a esperança
 No andar priguiça, & no voar tardáça.

21

Iàz à parte inferior do meio dia
 Junto a Villaviçosa (nobre assento
 Dos Duques) hū brenhal, que desafia
 No arvoredo o estrellado firmaméto:
 As boninas, a fruta, a montaria,
 As aves, & a frescura ao opulento
 Sitio dão tal valor, que nelle a Aurora
 Sempre a Diana vê, Pomona, & Flora.
 A idea

22

A idea, que a petece amenas flores,
 Goza nelle jardins sempre floridos:
 A que se inclina aos passaros cantores,
 Acha doces lisonjas dos ouvidos:
 A que da imagé dos marciaes ardores
 Se paga, temi nos bosques repetidos
 O touro, o lobo, o javalí, o veado:
 A TAPADA se chama este cercado.

23

Na imitação de Marte generosa
 No montaraz limite da Tapada
 Passava ociosidade laboriosa
 O Duque em vigilancia descuidada:
 Aqui seguia a lebre, que medrosa,
 Quanto mais do temor se vê turbada;
 Tanto mais desafia, & vence o vento,
 E antes a alcáça o cão, que o pésaméto.

24

Aqui o ligeiro cervo, a quem calçara
 Asas o medo, a diligencia esporas,
 Obedece ao seu raio, & morto pára
 Despois de fatigado muitas oras:
 Aqui do javalí a fereza rara,
 Que umedaceu de Venus as auroras,
 Deu a Venus vingança, & desengano
 De maiores vitorias ao Tebano.

A qui

TERCEIRO

61

25

Aqui soltando o açor, q̄ mais se empina,
Por pirata das aves o conhece,
Que discorre a diáfana campina
Dos ares, & com roubos se enriquece:
Ià sobe exalação, jà se fulmina
Raio sobre toda a ave, que aparece,
Atèque torna ao Laço, que o opriime,
Onde goza o descanso, & paga o crime.

26

Em tal ocupação, em tal cuidado
Por violencia da sorte se incluiá
O espirito Real, que destinado
Naceu para reger a monarquia:
A qui se achava, quando já passado
O meio tinha o Sol da eterea via;
Mas o Mello me chama, é q̄ a inda vejo
Asas no amor, esporas no desejo.

27

Chega emfim à Tapada, antes q̄ a fama,
Por mais que a fama diligente seja:
Vede o que corre quem de veras ama!
Vede o que desconfia quem deseja!
Ante o Duque prostrado Rei o aclama,
Sálvalhe a Magestade, a mão lhe beja,
Refere-lhe o sucesso, ajunta o rogo,
Que venha para nos, que venha logo.

Não

3418117

28

Não se viu naquelle animo constante
 Seguirse alteração à novidade,
 Né mudar-se o já d'antes Real fêbrate
 Co titulo da nova o Magestade:
 Mas fazendo, que o Mello se levante,
 De alvíceras, & premio da lealdade
 Lhe dà por joia, & por preciosos laços
 Benigno ocoração, & humano os braços.

29

Com o Mello tambem nesta embaxada
 Foi Pedro de Mendoça, que acredita
 O amor na diligencia alvoroçada,
 Que com a mesma fè seu peito incita:
 Com igual pressa fatigou a estrada,
 Igual contentamento, o solicita,
 Com igual lealdade ao Rei venera,
 E o Rei com premio igual o remunera

30

Vai el Rei para o Paço sem tardança,
 Onde em lugar secreto retirado
 Ao Ceo, que satisfez sua esperança,
 Rende agradecimentos umilhado:
 Logo à suave esposa, a quem Bragâça
 Aurora foi do Reino restaurado,
 Comunica a ventura, que percebe,
 E dando hūs parabens, outros recebe.

Sem

31

Sem esperar, que torne a luz futura,
 Que ha de dar esplendor ao novo dia,
 Sem nova afectação de compostura,
 Co a mesma, cõque o monte discorria:
 Porque a pessoa em seu valor segura
 Em si, que não nas galas; se confia,
 A mante da Rainha se despede,
 E pouco acópanhado a estrada mede.

32

Os Campos, que Excelléte o venerarão,
 Ià agora o solenizão Magestofo,
 E se d^r antes desejos tributárão,
 Ià agora vem o efeito venturolo:
 Os povos em aplausos lhe declararão
 Mil efeitos de amor afectuoso:
 Tudo o amor Lusitano lhe oferece,
 Tudo o que elle nos ama nos merece.

33

O quinto Sol contava jà Lisboa,
 Despois da aclamação maravilhosa,
Que o cetro restituira, & a coroa
 A digna mão, á fronte generosa:
 A mesma voz em seu distrito soa
 Aplaudida, suave, & sonorosa,
 E só por complemento lhe faltava
 A presença do Rei, que desejava.

E antes

34

E átes que o Sol (que tanto vinha escórida
 Por ceder a outro Sol, que mais se espera)
 Ao limite chegasse mais subido,
 Donde reparte a luz da clara esfera:
 O Sol de Portugal esclarecido
 Rópendo o denso orvalho, que se altera
 Ou de gosto, ou de éveja de seus raios,
 Rompe das saudades os desmaios.

35

Se entre mil esperanças o desejo
 Em incendios de amor sacrificado
 Fazia, que chorasse o claro Tejo
 Os efeitos de ausente magoado:
 Agora, que oposse, agora o vejo
 Pela arenosa praia dilatado,
 Que trásformado em pérolas o choro
 Lhe oferece de Ninfas bello coro.

36

Precedendo o desejo, & a esperança,
 Que o gosto agrandes júbilos convida,
 Para que creça o bê, que Lisia alcâça,
 Não foi sua chegada prevenida:
 Desmentindo rigores da tardança,
 Que veio a ser ditosa desmentida,
 Sahio então por venturoso oposito
 Da sombra a luz, da saudade o gosto.

Com

TERCEIRO 65

37

Com voz alegre pede logo a fama
Por infinitas bocas dilatada
Ao povo, q̄ o celebra, quanto o ama;
Alvíceras alegres da chegada:
D' esta ditora voz foi eco a chama
Do côncavo metal desenlaçada,
Que no Castello em repetido accento
Foi luminoso escandalo do vento.

38

Concurso innumeravel convocado
Do gosto, & do alvoroco de repente
Traz o amor cõ solícito cuidado,
Que dilações da vista não consente:
Não se escusou idade, nem estado
De acodir com afecto diligente
Ao Paço. E quem na pressa se melhora
O alvoroco lhe calça aguda espora.

39

Já na Real estancia não cabia
A multidão, que alegre corre a ella,
E com vozes amantes lhe pedia,
Que faça claro oriente húa janella
Não he tão celebrado o novo dia,
Quando o Sol vê seguindo a Aurora bella,
Como o Rei, q̄ gozou mais doce salva,
Que das aves o Sol, das flores a Alva.

E

Mano

40

Manifestando a todos aplaudido
 Em luz geral favores singulares,
 Dos nobres se conhece mais querido,
 Mais amado se vê dos populares:
 Cadaqual se imagina seu valido
 Desmétindo a opinião de algúns vulgares,
 Que cuidaõ, q por ser hú Rei benino,
 Deslustra em ser humano o ser Divino.

41

Desengâñese a cega vaidade,
 Que presume valer por jactanciosa,
 Crendo, que diminue autoridade
 A mostra da clemencia generosa:
 Que então se abona mais a Magestade,
 Quando trata os umildes amorosa,
 E menos feliz vive em todo o estado
 Que quer viver temido, mais q amado.

42

Em quanto solenizão em Lisboa
 As venturas do Reino, que florece,
 Onde dos corações tecem coroa,
 Que Amor agradecido lhe oferece:
 Aquelle monstro, que é mil afasvoa,
 Aquelle, que em mil línguas encarece
 O falso, & certo em braços repetidos,
 Aquelle, q he todo olhos, todo ouvidos.

A Fama

43

A Fama, digo, voa, & com voz clara
 O Português distrito corre, & gira,
 E o sucesso magnifico declara,
 Que todo o Reino aplaude, quâto admira:
 Aqui passa depressa, & alli pára,
 Dúvida aqui, & alli certeza inspira,
 E dando suspensão, & gosto a todos
 Hū sò caso refere por mil modos.

44

Pensão a cousas grandes repentinhas
 De incrèdulo tributa o pensamento,
 E mais quando parecem peregrinas
 Do que pode caber no entendimento:
 Quem poderia crer, q̄ as santas Quinas,
 Que unio a sorte ao vinculo violento
 Do estranho jugo, quâdo mais atadas,
 Se visssem facilmente libertadas?

45

Mas he tal dos desejos a eloquencia,
 E dão à idea tal capacidade,
 Que vem a persuadir por evidencia
 Oq̄ o discurso faz dificuldade:
 A mais irresoluta contingencia
 Sò foi até a certeza da vontade
 Do novo Rei, mas tanto que a entéde,
 Sua voz segue, sua accão defende.

46

Ià Santarem o aclama, jà Leiria
 Por Rei o reconhece, jà o Mondego
 As Musas em Coimbra desafia,
 Cuja torre fundou Ercules Grego:
 Ià o Porto em seu louvor coréas guia;
 Ià Braga, jà Viseu, & jà Lamego
 Emulas no primor da lealdade
 Lhe consagraõ fieis a liberdade.

47

Ià Miranda os seus montes matricula,
 Quâto mais os seus filhos, na bádeira,
 Que em nome de seu Rei o vêto adúla
 Núca nas marciaes glorias derradeira:
 Ià Bragança em seu titulo acumula
 O titulo Real à voz primeira:
 E jà a Guarda, que nunca se acovarda,
 Seu nome a clama, & seus decretos guarda;

48

Ià sempavor repete sua gloria
 Evora, que a aclamou anticipada;
 Elvas a segue, Em Bèja tem vitoria
 A acção, q̄ foi primeiro mal lograda:
 Ià Portalegre faz alegre istoria
 Có a emprela a seu nome acomodada:
 Ià o Algarve ameaça a Espanha estragos
 Em Silves, ē Tavira, em Faro ē Lagos.

49

Ià os presidios, que as forças guarneciaõ
 Do Reino com o nome Castelhano,
 Porque da repugnancia pouco fiaõ,
 Se rendem ao imperio Lusitano:
 Não resistem, não tardaõ, não porfiaõ,
 Não provaõ o rigor, não vem o dano
 Da fome, né da guerra; mas rendidos
 Pedem ao vencedor brandos partidos.

50

Ià a Fama, não cabendo no distrito
 Da Lusitana terra, passa avante,
 Soa em Castella seu fogoso grito
 Deixando todo o peito palpitante:
 O pàllido temor se mostra escrito
 Nunca dissimulado no sembrante
 De todos, & jà cuidaõ, que sem falta
 O Lusitano Rei Castella assalta,

51

O medo, a confusão, a novidade;
 Comque suspende tão fatal sucesso;
 Diversos pensamentos persuade
 Na memoria, em q fica mais impresso:
 A mesma emulação, que da verdade
 Fugir não pode, com vistoso excesso
 Confessa por acção justificada
 Acoroa de Luso libertada.

E;

Passou

52

Passou os Pireneos a fama alta,
 Despois de dar a nova em Catalunha,
 Que aprovou os efeitos compassiva,
 Como de muitas causas testemunha:
 Estendese por França, onde deriva
 Da causa, cõ q Fráça a espada épunha,
 Novas abonações, certa esperança
 Da confederação de Luso, & França.

53

Os Alpes, que gigantes saó de neve,
 Passa veloz, no antigo Lacio pára,
 Onde tem geral mádo em termo breve
 Feita de tres coroas a Tiara:
 Nesta accão Lusitania mais lhe deve;
 Porque de modo sua accão declara
 Ao sumo Vice-Deos, q ouvindo a nova
 Benino a admite, quâto justo a aprova.

54

Logo voltando o giro ao Occidente
 Discorre pelas ilhas do Oceano,
 A terra visitou do Ingrês valente,
 Que antepõe Portugal ao Castelhano:
 D' aqui gira com voo diligente
 Os estrados de Olanda, o imperio Dano,
 E torna para o Austro mais ligeira
 As ilhas dos Açores, & à Madeira.

Na

TERCEIRO

71

55

Na Africa Tingitana o chegar tarde
 Ocasiao foi de ser menos aceita,
 Porq hua astucia maquinou covarde
 Engano a Tanger, confusaõ a Ceita:
 E foi assim: Que ao Portugues alarde
 O Castelhano escreve, que sospeita,
 Que em Portugal estava rebellado
 Algum povo, que dà pouco cuidado.

56

Mas diz, q équato acõde a darlhe a pena
 Dina da rebelliao (sendo o contrario)
 A Ceita, & Tanger lisonjeiro ordena,
 Que peça a Gibraltar o necessario:
 Dar credito a mentira tão serena
 Foi erro; mas não foi mui temerario:
 Crerão pois a Castella: q a não crella,
 A voz não seguiriaõ de Castella.

57

Com tudo a Mazagão não pode a fama
 Negar ou mais amor, ou mais prudécia,
 Pois quado Espanha ao mesmo risco o chama;
 Mais constante esperou pela evidécia:
 Concédase a Martinho illustre rama
 De Correia, & de Silva esta excellencia:
 Pois estando de Luso em mõr distâcia,
 Teve melhor acerto na constancia.

E 4

E 5c

58

E se me dà lugar o amor paterno,
 Sem que fique o louvor nelle sospeito,
 Ao Silva, que merece nome eterno,
 Companheiro darei no eroico feito:
 Possua o Silva a gloria do governo,
 Mas Lopo Enriquez de Guzman, q̄ opeito
 A prudencia, & valor deu por espelho,
 Participou da gloria no conselho.

59

D'aqui deixando atrás o Atlante Miouro,
 Que ao móte nome deu, & ao mar salgado,
 Prosegue a mesma Fama é giros d'ouro
 Contra o Austro seu curso acelerado:
 A America opulenta, que he tesouro
 Do sol, que grande tempo foi vedado,
 Obliquando a carreira para o Ocaso,
 Alegra referindo o illustre caso.

60

De esta, que antigamente foi chamada
 Terra de Santa Cruz, & se dilata
 Do Oceano Etiopico lavada
 Do rio Maranhão atē o da Praea:
 Continuou a Fama outra jornada
 Para as partes da Aurora, onde relatā,
 Que livre està da maquina Espanhola
 O grande Monicongo, a rica Angola.

Logo

TERCEIRO

73

61

Logo vai costeando o Oceano,
EPorque mais aplausos comunique,
Faz, que o graõ Promotorio Africano
As boas esperanças verifique:
O triunfo do Rei novo Lusitano
Com alta voz pregôa em Moçambique,
Em Quiloa, & Melinde, & prosseguindo
Dizé, q o Ganges vai ganhar, & o Indo.

62

O que mais acredita de admirado
A Fama divulgando a accão,q espâta,
He o segredo entre tantos inviolado,
E a paz, que conseguió empresa tâta:
Cesse todo o triunfo celebrado,
Que o mundo soleniza,escreve,& canta:
Que não ha relação,nem ha memoria,
A que a fama tribute tanta gloria.

Fim d' o Canto Terceiro.

40/817.

CANTO QUARTO

I

 M quâto cõ trombeta sonorosa
De Reino é Reino vai, de gête é gête
A fama d'esta empresa gloriosa
Com opiniaõ de justa, & de prudente:
Decim aquinta vez a Alva ferrosa
Sahio pelas varandas do Oriente
Preparando alcatifas de escarlata
Ao Sol, q, quâdo as goza, lhas deslata.

2

Achou já no crepusculo do dia
Húa fabrica excelsa edificada
Junto ao Paço Real, que competia
Com o trono do Sol por adornada:
Vendo o Sol, que em esmaltes o vécia
A rica guarnição multiplicada,
Se escódeu de arrufado, ou de corrido
De vêr, que não sahira tão luzido.

3

Formárase hú teatro espacioso,
Cuja quadrangular arquitectura
Capaz de ajuntamento numeroso
Igual ao Regio Paço era na altura:
O pavimento estava tão lustroso,
Fazendo de ouro, & purpura mistura,
Que o que nelle alcatifa se ponde ra,
Podia ser docel na clara esfera.

Os

4

Os extremos da Quadra guarneçiaõ
 Grades com balauستes argentados,
 Donde por fóra liberaes pendiaõ
 Paveses de riquissimos brocados:
 Assentos convenientes se seguiaõ
 No circuito aos Nobres, & Prelados,
 E tudo por ornado, & bem composto
 Ostentava triunfo, pompa, & gosto.

5

Da parte occidental se levantava
 Sobre degraos hū solio, cujo assento
 Na opulencia, & no culto aventajava
 A quanto no teatro era opulento:
 O docel magestoso, que se armava
 No frontal do magnifico aposento,
 Brilhava com taó grádes resplandores,
 Que não deixava a luz vêrele as cores.

6

A Iustiça neste acto executada
 Mostra à parte direita segurança,
 Com húa mão levanta a recta espada,
 De outra lhe péde a intrépida balança:
 Da parte esquerda está igualmēte ornada
 A Prudencia ostentando confiança
 Nas serpes, que sojeita fugitivas,
 Mortas no obsequio; mas no aspecto viva

Em

7

Em contorno da fábrica pomposa
 Galante assiste militar alarde
 Mais para pompa da facção gloriosa,
 Que por ser necessário, que se guarde:
 Tanto que chega a ora venturosa,
 Que a tantas esperanças chegou tarde,
 Começarão de entrar sem preferécia,
 Os que conduz o ofício, ou a eminécia.

8

Entrarão os Prelados, cujo ofício
 He ser no Ceo da Igreja resplandores,
 Temperança do mundo no exercicio,
 Fruito nas obras, na aparença flores:
 Dar à virtude exemplo, freio ao vicio,
 E tendo vigilancia de pastores
 Desvelar-se zelosos sobre o gado,
 Que Cristo cometeu a seu cuidado.

9

Seguiose logo o Estado da Nobreza;
 Em quem vistosamente competia
 Nas galas curiosas a riqueza,
 Nos corações illustres a alegria:
 Ornado de siencia, & de intelecto
 Hú, & outro Senado entrar se via:
 Este, que Astrea nos restaura eterna,
 E aquelle, que a Política governa.

Despois

10

Despois que em tantos raios húa Aurora
 Composta de escolhidos resplandores
 Foi Portugal neste acto, é q̄ melhora
 As luzes, que eclipsaraõ vis temores:
 Sahio o Sol na mais ditosa ora,
 Em q̄ a salva gozou de aves, & flores;
 O Rei digo, ditoso, & desejado
 Ao legitimo solio restaurado.

11

Dos ombros a Real opa lhe pendia;
 Que Milão lhe teceu, bemq̄ ignoráte,
 Que o seu brocado fosse neste dia
 Parte de gala ao Português triunfante:
 No mais vestido em competécia ardia
 O rubi, a esmeralda, & o diamante,
 Em cuja luz a admiraçāo observa
 Os melhores trabalhos de Minerva.

12

No sembrante competem igualmente
 (Dotes Reaes) Amor, & Magestade,
 Cuja evidençāa opiniao desmente,
 Que ser incompatíveis perluade:
 Nem encontra o benino ao eminēte,
 Nem o grave desfaz na umanidade;
 Antes tem esplendor quasi divino
 Vnido o soberano, & o benino.

Tanto

13

Tanto resplandecia o soberano,
 Que quē entre outras luzes lhe pusera
 Os olhos, sō o invicto Lusitano
 Por dino da Coroa conhecera:
 Tanto amor grangeava por humano,
 Que, sendo a Magestade tão severa,
 Produz nos corações igual efeito
 O amor ardente, lúcido o respeito.

14

O augusto solio ocupa , onde enriquece
 Os animos de gosto, & de esperança,
 Que é louros sépre verdes nace,& crece
 Sendo a glorias futuras segurança:
 Aqui o Sà de joelhos lhe oferece
 No cetro grão penhor de confiança,
 Gráde porq este cetro ao novo erdeiro
 Se reservou del Rei Dóloao Primeiro.

15

Despois que jà por ordem conveniente
 Ocupado se via todo o espaço ,
 O silencio admirado, & reverente
 Asas deu ao discursio,às vozes laço:
 E Francisco d' Andrada, q̄ eloquente
 A retorica ampara com hú braço,
 E com outro a justiça,em grave accéto
 Orando suspendeu o Ajuntamento.

Sabado

16

Sabado(dice) ò Rei, ò justo emprego
 Do amor, da estimacão,& da esperáça
 Do Reino Portugnês, que estava cego
 Carecendo da luz, que em vos alcáça:
 Quando a deixar o tímido sossego
 Nos provoca húa prospera lembrança
 De nossa redempçao,dia primeiro
 No mès de nossos anos derradeiro.'

17

Acordou a Nobreza Lusitana
 Do Letargo fatal da sôbra fria,
 Comque nessa Noruega Castelhana
 Sessenta anos foi noute a tirania:
 E sacudindo a servidão tirana,
 Despriguicou a voz avalentia,
 Rópendo á luz d' aquellas trevas parto
 Na aclamaçao del Rei Dó I^OAO o Quarto.

18

Principiado em poucos este accento
 Se proseguiu em todos tão constante,
 Que pareceu antigo o pensamento
 Ainda nos q̄o conhecē mais flamante,
 Com cem vozes, céboas, línguas céto
 Não averá quē diga, nē quem cante
 O aplauso universal, a lealdade,
 Com q̄o Reino aprovou tal novidade.

Neste

19

Neste acto novamente consagrado
 Para confirmaçāo de tanta empresa,
 Em que de novo pede cada Estado,
Que aceiteis a Coroa Portugueſa:
 Nem ha novos afec̄tos do cuidado,
 Né fē, q̄ j̄a de amor não venha presa;
 Porem cumprimos os Reaes primores
 Do costume louvavel dos maiores.

20

Satisfazendo pois ao rito justo,
Que a átiguidade usou, vos aclamamos
 De novo, ò augusto Rei, por Rei augusto
 Por tal vos conhecemos, & juramos:
 Com inviolavel fē, & amor robusto,
 Com sacramento candido vos damos
 A omenagem constáte, que de novo
 Vos promete a Nobreza, o Clero, o Povo.

21

E posto que advertidos conhecemos,
Que era escusado o vosso juramento,
 Porque de vosso amor certeza temos,
Quem jurar responde ao nosso intento:
 Por força do mesmo uso pretēdemos,
Que vos obrigue o mesmo sacramento
 A nos guardar os foros, q̄ guardaráo
 Os Reis, que esta coroa vos ganhárão.

E cre

22

E crede, Portugueses generosos,
 (Vos o sabeis, & o tempo o persuade)
 Que não ficais ao mundo sospeitosos
 Da menor quebra em vossa lealdade:
 Antes restituistes justicosos
 Ao legitimo Rei a magestade,
 Que vossos pais vencidos da violencia
 Renderaõ aos poderes da insolencia.

23

A qui com relação mais erudita
 O Português Vlpiano, em cujo peito
 Astrea inviolada deposita
 O tesouro da siencia mais perfeito:
 Iurisconsulto, & orador recita
 O fundamento, as causas, & o direito
 Da acção, que sendo já justificada,
 Ficou por seus encomios mais ornada.

24

Repete a presumpção da tirania,
 Que intrusa o diadema violentava;
 A cuja cobiçosa idropesia
 Davão sede os tributos, que esgotava:
 Prova, que a Lusitana monarquia
 Na peregrina mão cativa estava,
 Fundando o Castelhano a preferencia
 Naó já na alma da lei, mas na violêcia.

F

Allega

25

Allega com exemplos verdadeiros,
 Que é Portugal a hú Rei outro sucede
 Por modo de legítimos erdeiros,
 Não como nos morgados se procede:
 Refere de Reis proprios, & estrágeiros
 Całos illustres, que prudente mede
 Cos termos, q̄ a dequados determina
 Nas cauſas de Filipe, & Caterina.

26

Consecutivamente signifi a
 Das representações a qualidade,
 E aos privilegios, que pondera, aplica
 O que mais observou a antiguidade:
 Eloquente propoem, discute, explica
 Tão claro o caso, a dúvida, a verdade,
 Que pode perceber sua elegancia
 Não só já a discrição; mas a ignorācia.

27

E prosegue dizendo: Logo he claro,
 Que Portugal podia, & que devia
 Para tanta opressão bulscar amparo,
 E tornar a seu céu a monarquia:
 Agora pois, que chega, ó Rei preclaro,
 Tão desejado, & tão ditoso dia,
 Em que seus danos Portugal exclue,
 E em que o cetro fatal vos restitue.

Agora

28

Agora recebei a restaurada
 Coroa dinamente restituída
 Nos corações primeiro fabricada,
 Que a vossa Real fronte oferecida:
 O espirito, o amor, a voz, a espada,
 O patrimonio, a fè, o decoro, a vida,
 Tudo, quanto podemos, & valemos,
 Para vos defender oferecemos.

29

Porq estamos seguros, que c'tregamos
 A liberdade a hū Rei, que sem cobiça
 Hade reger as redeas, que lhe damos
 Do Reino, com piedade, & com justiça:
 Os danos, que até agora so portamos,
 Da ábiçao, do respeito, & da injustiça,
 Cofiados cremos, q̄ hade restaurallos
 Hū Rei, q̄ hade ser pai de seus vassallos

30

E com maior razão de vos se espera,
 O generoso Rei, esta façanha,
 Em quem a inclinação se considera;
 Que é Reis vossos Avòs não foi estranha:
 E em qué na accão presente se pôdéra
 O q̄ perde os imperios, & o q̄ os ganha:
 Pois perdendoo Felipe por tirano,
 Vos, Senhor, o alcançastes por umano.

31

Vivei pois, imperai, reinai dito so,
 E lograi a coroa restaurada
 Por séculos, que excedão do envejoso
 A raiva, q em si mesma he castigada:
 Eternize-se o tronco glorioso
 Com rama tão felice, & celebrada,
 Que vossa decédecia iguale é glorias
 De vossos ascendentes as memorias.

32

Callou. E com est'lo diferente
 O aplauso proseguiu mais dilatado
 Em huns com as palavras eloquente,
 Com o silencio em outros admirado:
 Logo com ceremonia competente
 Ao acto ao juramento destinado
 O estilo se observou, que Luso aprova
 Na aclamação dos Reis, quâdo os renova.

33

Resplandeceu, por certo, o soberano,
 Quando aqui tanto de modesto teve,
 Que declinou o Marte Lusitano
 A esfera (a nosso ver) umilde, & breve:
 Que, se o Pontifical se mostra humano,
 Posto que a s'e veneração lhe deve,
 Grande modestia foi, grande piedade
 Prostrar-se ante o vassallo a magestade.
 O iniquo

34

O insigne Dom Rodrigo respeitoso
 Ao Rei, q assim prostrado se apresenta,
 Quâto, como ômê, teme o magestoso;
 Ià, como Vice Deos, tanto se alenta:
 E o grande Português, que religioso
 No Arcebispo a Deidade representa,
 Com animo Real, com fè segura
 As leis de Portugal confirma, & jura.

35

Em continente deu aplauso ao vento,
 E festivo terror salva pomposa
 De Apollo com armonico instruméto,
 De Marte com lisonja bellicosa:
 A alegre consulão de cada accento
 Repetiaõ os ecos mais gloriosa
 Misturada com vozes excessivas
 De immélos parabés, de eternos vivas.

36

Onde acabou do estilo Lusitano
 A ultima ceremonia satisfeita,
 E onde se renovou o gosto ufano,
 Que reparte a lealdade, o amor aceita:
 Para acto mais Divino, & mais umano
 Principio deu a Religiao perfeita:
 Que de umano, & Divino se ênobrece
 Quê, quâto mais logrou, mais agradece.

F 3

O Rei

46/5117

37

O Rei com os vassallos competia
 A quem deixara o Ceo mais obrigado,
 Se restaurando ao Rei a monarquia?
 Se dando ao Reino tão ditoso estado?
 Quanto mais indecisa està a poifia,
 Táto mais cada qual està empenhado:
 E para o desempenho forão traças
 Do Amor solicitar accção de gracas.

38

Là do teatro para à Sé formara
 Hú bizarro esquadrão rua vistosa,
 Que resplandece com as armas clara,
 E com galas diversas luz ferrosa:
 Alegre ostentação, que preparara
 O afecto mais, q̄ a prevençao medrosa:
 Que destas glorias o immortal objecto
 Nunca foi o temor, senão o afecto.

39

Catálogo espaçoso solicita
 O numero dos nobres, que dilata
 A ostentação do triunfo, que infinita
 As estrellas excede, se as retrata:
 A riqueza despezos facilita
 De pèrolas, & pedras, de ouro, & prata:
 Que ficaõ das estrellas superiores,
 As que á vista do Sol tem resplâdores.

Mas

40

Mas não pode abarcar' minha armonia,
 Por mais que se desvele meu cuidado,
 O numero de luzes que à profia
 Toda a gala do Sol tem conquistado:
 Primeiro comporà as oras do dia
 Descansando no mar Febo dourado,
 Que eu possa relatar, por mais q cante,
 O numero dos Nobres elegante.

41

Com tudo não se deve gloria tanta
 A aquelle, que jamais ruinas teve,
 Porque nunca da terra se levanta,
 Como a aquelle, q voa, & q se atreve:
 Atrever he valor. Quem sempre canta
 Seguro, pouco premio se lhe deve,
 Qué se expoé ao perigo aspira à gloria
 Pelos arduos caminhos da vitoria.

42

Animese pór tanto meu alento,
 E alguns Titulos cante generosos,
 Que ennobrecão cantados meu accéto,
 E deixem os antigos envejosos:
 Eos que neste das Musas firmamento
 Sentirem, que não luzem tão lustrosos,
 Como merecem, culpé meu engenho,
 Não a vórtade, que em seu cátó épenho

43

Fernão Telles da Silva permitia
 Adulações do vento na bandeira
 Real, & Alferez morr ennobrecia
 De tanta Dinidade a luz primeira:
 Aprendia o aplausos de alegria
 Do Gama illustre Sol da Vidigueira
 A Aurora toda, todo o Sol ardente,
 Porque trazia em si todo o Oriente.

44

O Conde de Redondo, o grão Coutinho,
 Que Côde pode ser da redondeza,
 A grandes digressões abre caminho
 Aquem quiser louvar sua grandeza:
 Pois o de São Miguel, que já do ninho
 Trouxe d'aguia o valor, d'aguia anobreza:
 Não he tão admiravel, q o Sol veja,
 Como q não se eclipse o Sol de enveja.

45

O Conde de Monsanto, que afilhado
 Das Carites naceu, vê taõ bem posto,
 Que se admira no custo o bê ornado,
 Deleita o inventado no bom gosto:
 Bizarro o Conde d' Arcos vinha ao lado
 De seu avô o Vizconde, que no posto
 Do Tribunal maior abona a estima
 Da prudencia, & do titulo de Lima.

AO

46

A o Conde da Atouguia naõ iguala
 A Ave, que ninho tem na luz do dia,
 Porque na ostentação de tanta gala
 Arabia mais feliz foi a Atouguia:
 O da Calheta juntamente abala
 Com sua gentileza, & armonia,
 Admiracão total de qualquer polo,
 A Venus para o ver, a ouvillo Apolo.

47

O Senhor da Ericeira tão galante
 Nas repetidas joias, como altivo,
 Jà parecia a algúis hū só diamante,
 Jà muitos, & cada hū hū Soi activo:
 Não menos adornado, nem radiante
 Vinha o Conde da Torre, que adoptivo
 Filho do Sol parece em luzes bellas
 Vestido mais de raios, que de estrellas.

48

O de Vnhaõ conhecido em toda aparte
 Por grande sucessor da quinta estera
 Mais que aos adornos ao valor reparte,
 Mas ninguem nos adornos o vencera:
 Este cà do Occidente novo Marte
 O irmão, q̄ he Marte do Oriēt e, espera:
 Chegando *Antonio Telles de Meneches*
 Serà Marte geral dos Portugucses.

Que

49

Que dino de respeito, & que lustroso
 Dando cõ a lealdade empenho à fama
 Vinha o valente *Conde de Vimioso*
 Do tronco Regio conhecida rama?
 E o de *Penaguião*, a quem famoso
 Pela prudencia, & pelo zelo chama
 A seu templo immortal a Eternidade,
 Quanto traz de lustrosa umanidade?

50

Pedro da Silva generoso *Conde*
De São Lourenço em nobre competécia
 Nas galas à riqueza corresponde,
 Ao credito aquitido na prudencia:
 Qual o esplendor do Sol se não escôde
 Por dissimulação nem por violencia,
 Tal a gloria immortal de *Cantanhede*
 Nos raios, que ostétaba, ao Sol excede.

51

Vinha o *Barão d' Alvito*, & quem o via
 Tão cortês, tão leal, & tão prudente,
 Rendido a seu valor logo dizia,
 Que varão lhe chamaraõ dinamente:
 No *Marques de Gouveia* competia
 O vistoso, o alegre, & o excellente
 Cõ tanta emulação, que acada é penho
 Quâto me crece amor, me falta égenho.

Dº

52

Do Marquês de Ferreira, a que trombeta
Pode fitar a Musa valor tanto,
Se não for, que louvando se remeta
Firme à veneração, muda ao espanto:
Que seria notada de indiscreta
Querendo comprender no breve cíto
Tátos dotes de hū Príncipe tão nobre,
Que faz rico o desejo, & a voz pobre,

53

Todos vinham a pé, mas o Monarca,
A cujos pés a enveja oje se rende,
A quem dá privilegio a lei da Parca,
A quem a melhor fama o nome estende,
A quem aclama quanto o mar abarca,
A quem venera quanto o Sol acende,
A quem adora quanto a vida anima,
A quem defende quanto a onra estima.

54

Em hū forte castanho, que alentado
Já do peso Real, já do elemento
Do fogo, de quem foi filho adoptado,
Se antes o fora natural do vento,
Das ancas, & do peito dilatado,
Da fronte & das orelhas avarento,
De olhos ardente, de nariz aberto,
Longe os cabellos, & a cabeça perto.

Quic

55

Que o'freio d'ouro, a cuja lei acòde
 Moderando obediéte o impulso bravo,
 De branca escuma argéta, com q̄ pôde
 Fazer à neve lisonjeiro agravo:
 E que quando da terra as mãos sacôde,
 Olha se despedirão algú cravo,
 E quando todos acha, então procura
 Verse, como em cristal, na ferradura.

56

E debaxo de palio de brocado
 Móvel docel de fixos resplandores,
Que em colunas de prata levantado
 Sustentão seis longevos Senadores:
 Levado em húa mão o cetro er dado,
 E na esquerda o preceito dos ardores
 Do brioso animal, & por mil modos
 A vida, a alma, o coração a todos.

57

Os olhos vinha enchendo a quē já tinha
 De amorosos desejos cheio o peito,
 A cuja sede universal convinha,
Que se outorgasse universal efeito:
 Quem preso na doença se detinha
 Deixou alegre o càrce re do leito,
 E inobediente ao sâo, sem que o ajude,
 Sò vendo o Rei espera ter saude.

Apenas

58

Apenas pelas praças rompe, & cabe
 O concurso da gente repetida:
 Este pede, que a vida se lhe acabe,
 Pois vio sua esperança já cumprida:
 Aquelle quer mais vida, porque sabe,
 Que agora he útil, & he gostosa a vida:
 Outro, porque lograssem taes favores,
 Resucitar quisera seus maiores.

59

Alegres os meninos o advertiaõ,
 Os moços animosos o mostravão,
 Prudentes os varões o conheciaõ,
 Os velhos judiciosos o admiravão:
 Todos, luzindo amor, nelle se viaõ,
 Todos com grão respeito o adoravão,
 E em toda a estimação, e no amor todo
 He tão gráde o prazer, q não té modo.

60

Então se publicavão venturoſas
 As que gerarão filhos nesta idade,
 Que o ſiruão com façanhas glorioſas
 Dinas de tão amada mageſtade:
 Chuveiro alegre de eſmaltadas rosas
 (Que as não nega o inverno na cidade
 De Vlisses) lhe lançavão as donzellias,
 Que pareciaõ ſoẽs chovendo eſtrellas.

Muito

Faculdade de Filosofia
 Ciências e Letras
 Biblioteca Central

50/812

61

Muito era para ver, que se não via
 Espaço breve algum desocupado:
 Ondas de gente a praça repetia,
 Se nuves o lugar mais arriscado:
 Apenas para o triunfo concedia,
 Passagem o concurso alvorocado:
 E quē mais vê ao Rei, por mais q̄ o veja,
 Mais sua vista repetir deseja.

62

Com esta pompa emfim chegou triūfante
 A esse réplo maior, que em magestade,
 Se desafia o Ceo por arrogante,
 Afecita por seguro eternidade:
 Que armonia a verà, que voz, q̄ cante
 O afecto, a adoraçāo, a piedade,
 Có que o grāo Lusitano ao Ceo rēdido
 Ao pomposo excedeua no agradecido.

63

Alli do coração Real explica
 Envolros em silencio afectuoso
 Prazeres, que a modestia sacrificia,
 Dinos de hū pensamento fervoroso:
 O que obrigado goza, multiplica
 Grato, & fazendo o mērito ditoso,
 Na gloria, que alcançou, & que cōcede,
 Cōstancias immortaes deseja, & pede.

Com

64

Com o mesmo triunfo acompanhado,
Com os mesmos aplausos proseguido,
Com os mesmos afectos venerado,
Com os mesmos desejos aplaudido
Volta ao Paço Real, onde o cuidado
Amoroso em lisonjas do sentido
Acredita verdades, que no peito
A afeição produzira, & o respeito.

65

A qui gostosos parabens repete
Toda a suave voz, todo o instrumēto,
E o que menos se afina, ainda compete
Cô o canoro Ofèo no grave accento:
O desejo fatídico promete
Com melodia, que suspende o vento,
Ao Lusitano Rei eternidade,
E ao seu Reino immortal felicidade.

66

Nem o Restaurador da Portuguesa
Augusta sempre, sempre leal Coroa
Sò da pompa mortal gozou acesa
No amor, q o doce canto alegre entoa:
A acrecētar louvores desta empresa
Com adorno Real sahio Lisboa
Tão contente, tão grave, & tão pô pesa,
Que o Sol lhe dice amores por fermosa.

Do

67

Do peito generoso armada vinha,
 E vestida de branca primavera,
 Na mão esquerda a não sagrada tinha;
 Ena direita hú livro, & húa esfera:
 Na cabeça mostrava, que he Rainha
 De Europa, & q̄ do mûdo sello espera:
 Acompanhaa rendido, & obediente
 O Norte, o Austro, o Ocaso, o Oriete.

68

A sua imitação(qual mais ufana)
 Vem render sojeição a s mais cidades
 Da nobre monarquia Lusitana
 Fazendo alegre oferta das vontades:
 Os fusis da cadeia Castelhana
 Que d'c antes optimia as liberdades,
 Não arrastrados já; mas já rendidos
 Consagrão por despojos desunidos.

69

O Mondego, o Guadiana, o Minho, o Douro
 Em coches de cristal resplandecente
 Ao Rei tributaõ liberal te souro
 De amor, q̄ dêtro na agua vive ardéte;
 Trazem coroas d'c hera, palma, & louro,
 Que receu o alveroco diligente
 Para o Rei, & cada hú com novo estilo
 Para o louvar quisera ser hum Nilo.

Neptun

70

Neptano sobre as ondas bulliçosas
 No distrito do Tejo introduzido
 Em carro de esmeraldas preciosas
 Novas adulações dava ao sentido:
 As rodas pareciam brancas rosas
 Fabricadas de aljofre repetido,
Que com o sucessivo movimento
Pérolas vem soltando cento, & cento.

71

Conduziaõlhe o carro lisonjeiro
 Quatro frisões marinhos, & servia
 O musico Arion de seu cocheiro,
 Seguindo mil Delfins sua armonia:
 Por mais ostentação vinha primeiro
 Hú terno de Tritões, que referia
 Có tróbetas de buzio ao muro Grego,
Que era chegado ao Tejo o Rei do pego.

72

Vinha igual com Neptuno à mão direita
 No mesmo carro o Tejo tão galante,
Que Tetis muito d'ambos satisfeita
 Ignora qual he o gero, ou qual o amâte?
 A campina das aguas era estreita
 Para o coro de Ninfas, que elegante
 Doce na voz, airoso nas mudanças.
Compunha cantos, & tecia danças.

G

Tanto

73

Tanto que à portuguesa Magestade
Deraó mostra, & fizeraó reverencia
Formando com gostosa variedade
O vistoso, & o alegre competencia:
Então fez hum sinal húa Deidade,
Que provocava todos a obediécia
Persuadin do silencio, & seu aceno
Deixou suspenso todo o coro ameno,

Fim do Canto Quarto.

CANTO

Q u e T e n s i m u r o q u a n p o s t u r a l i s c i e s
I d u o s d u r i g e o g g i o , o n d u r i o s i m a g i c s
Y c a m p i n s q u a d a s e s e s e f f i c i e s
P a i s o c o l o d e M i g u e s , d u e e l e g a u c e
D a c e u a x o z , a i r o l o u s m u g u a c e s .
C o u b u n p a c a b i o z , g e i c c i s q u a d a s .
D a s t o

CANTO QUINTO.

I Ogo o aurifero Tejo cō voz grave
Dice: Este foi o dia mais ditoso,
Que abrio a Portugal dourada chave
Do tesouro dos fados mais precioso:
A mais eroica voz, a mais suave,
O espirito mais alto, o mais fogoso
D'este coro immortal, q̄ o Sol admira,
Ocante em grave tuba, em doce lira.

2
Callou. E todo o coro juntamente
Os olhos pôs na bella compostura
De Amarilis illustre, a quem consente
Palmas a discrição, & a fermosura:
Modera com mil graças o excellente,
Levanta com grandezas a docura
Demodo que dà gosto, & causa espáto
O suave, & o altivo de seu canto.

3
He Belleza geral, que, como gira
O Sol por linhas d' ouro o Orizonte,
E nem do umilde valle se retira,
Nem escasso se nega ao alto monte:
Ella assim tudo alegra, & tudo admira
Consentido, que raio a raio conte
Suas luzes aflor, que mais se umilha,
E a arvore, que he dos ares maravilha.

99 CANTO

4

A muitos tem seus olhos desvelado;
Mas entre todos fora Silenciano
O mais de suas gracas namorado,
Eo mais favorecido por seu dano:
Que das glorias de Amor precipitado
Aos tormentos mortaes de hū desegano
Vio presentar seu bem a outro delvelo
Que quer mais outto carcere, q tello.

5

D' esta formosa Ninfā, as outras vejo,
Que ouvir esperao todas a armonia:
Pois, como ao melhor cetro do desejo,
Cadaqual as vantagens lhe cedia:
Mas sabendo, q he varia, o claro Tejo
(Grande desar em tanta bizaria)
Não quer fiarlhe o canto, qne quisera,
Que allem da eternidade se estendera.

6

A Lisboa pedio, que o instrumento
Tocasse mais Real, & mais canoro,
Que possa suspender o curso ao vento,
E desenpenhe a fe de seu decoro:
Lisboa com eroico, & doce accento
Igualando o suave, & o sonoro
Cantando agrada, deleitando espantá:
Ensiname, ò Calliope, o que canta.

Eu

7

Eu(diz)que já dei leis à mesma Aurora,
 E que já sojeitei todo o Oceano,
 Sendo dos elementos tão senhora,
 Que nelles tinha imperio soberano:
 Eu, que rendi despojos até agora
 Sojeita ao cativeiro mais tirano,
 Em q̄ erão poucos meus opimos frutos
 Para satisfazer tantos tributos.

8

Agora illustremente libertada,
 Ea meu primeiro estado reduzida
 Manifestando empenhos de obrigada
 Efeitos cumprirei de agradecida:
 De minha liberdade restaurada,
 De minha opinião restituída
 A vos, ò invicto Rei, a vos me atrevo,
 Referir grata o que empenhada devo.

9

E não vos admireis se principio
 O canto alegre na ambição tirana;
 Que sojeitou com duro senhorio
 As glorias da coroa Lusitana:
 Que bem sabeis, Senhor, de vos ofio,
 Que he natural da condição humana
 Não saber distinguir sortes diversas
 Sem comparar as prosperas, & adversas.

CANTO

10

Menos preço faria da bonança
 Que in nunca conhecesse a tempestade:
 Menos estimaria a temperança
 Do Ceo que nunca visse a escuridade:
 Ditoa sorte, prospéra mudança,
 Felice estado, grande utilidade
 Ter sido tanto orror da sorte dura
 Caminho de alcançar tanta ventura.

11

E se esta aclamação vos dilatamos
 Nas grádes opressões, que padecemos,
 Foi, Senhor, que prudentes esperamos
 Tépo, em q clarainete vos mostremos,
 Que não he beneficio, o q vos damos,
 Tão gráde, como o q oje recebemos,
 Porq mais nos dais vos é ser Rei nosso,
 Que nos em restituir o q he tão voso.

12

Rei sois, aqueim a sello não obriga
 Né o proprio temor, nem oproveito,
 Pois não ha quē não saiba, e quē não diga,
 Que creis já Rei no Estado mais estreito:
 Noso proveito foi, nossa fadiga,
 Quem obrigou o amor de voso peito
 A aceitar este cargo, q he tão largo,
 Que menos vos deu de óra, q de écaigo

Mas

13

Mas era necessario, & foi a certo,
Que ouvesse conhecida diferença
Dos Reis, a qué elege o vulgo incerto;
Ao Rei, q̄ o Ceo elege, & quer, q̄ véça
Que a vos para acodir ao nosso aperto
Preceitos deu o Ceo, mais que licença,
E aos outros, de q̄ o Ceo menos se agrada
A coroa permite sò emprestada.

14

Dina foi logo a voz, que vos aclama
Por Rei da monarquia Portuguesa,
Que có o empenho do favor vos ama:
Prédedo vosso amor, & de amor presa
Os ecos immortaes da eterna fama,
Quádo ao mudo publiquē esta épresa,
Dirão, q̄ como assim vos sò reinastes,
Sò por merecimentos o alcançastes.

15

Nem vossa aclamação fora aprovada
De todo Portugal tão geralmente,
Se antes muito de ser executada
Não fora conhecida de excellente:
Por q̄ agradou primeiro, agora agrada,
Quem mais adelejou, mais a consente:
Né tē mais diferença em nossos peitos,
Que passar dos desejos aos efeitos.

16

Envão a enveja contrastar procura
 Com traições, né cõ armas vossa gloria,
 Em vão pretende a tirania dura
 Renovar de seus medos a memoria:
 Porque vossº valor, vossa brandura
 Tão certa vos prometem a vitoria,
 Que porõde o enemigo mais trabalha,
 Tendes primeiro o triûfo, q a batalha.

17

Mansidão, & valor, ô Rei benino,
 O valeroso Rei, em vos contemplo,
 Que facilmente vos prometem dino
 De seguro trofèo no eterno templo:
 Fique a arrogancia do rigor malino
 Corrida, fique sendo triste exemplo
 A remissão ignava, & só se cante
 A alta brandura, o esforço vigilante.

18

Sois tão benino, sem passar a extremos
 De menos respeitado por umano;
 Que quanto mais cleméte vos sabemos,
 Tanto vos adoramos soberano:
 Bem, como com as leis, assim vivemos
 Convosco, ô justo Rei, porque se dano
 Da liberdade, porque o recto avivem,
 Té sobre nos dominio, entre nos viuê.

Tão

19

Tão moderado no governo entrastes;
Quando estava o governo mais perdido,
Que sem mudar as leis o restaurastes,
Usando só do exemplo bem seguido:
As leis por este modo melhorastes,
Que tinham seu primor tão oprimido;
Que o Reino com leis justas fabricado
Das proprias leis estava destroçado.

20

Ordenou o rigor do fado estreito,
Que oposto a nosso bem o dilatava,
Que até agora estivesses vos sojeito
A quem o vosso cetro violentava:
Ià triunfante se vê vosso direito,
Se ategora, Senhor, suspenso estava;
E qual (quando vassallo pareceres)
Desejaveis o Rei, tal vos fizestes:

21

E se quereis medir, quanto agradece
O Reino verse livre, & restaurado
Da opressão grave, que ditoso esquece
Em obsequios alegres empenhado:
Vede quanto condena, & aborrece
De hū riguroso Rei o jugo irado;
Que não amara muito a hū Rei cleméte
Quem muito não odiasse ao insolente.

Tão

22

Tão valeroso sois, que o vosso braço;
 Sem se mover, ganhou aliberda de
 Do vosso Reino desatando olaço,
 Que atára a estrangeira magestade:
 Sé se mover o obrou: Pois do ébaraço
 Com o menor aceno da vontade
 Triúfou vosso poder, q em hū sò dia
 Em mim vos rastaurou a monarquia.

23

Nem serà mais façanha do ardimento
 Vêcer por terra, & mar vossos cōtrarios,
 Quando conspirem cōtra vosso intēto
 El quadrões cegamēte temerarios:
 Do que foi o primeiro movimēto
 De entre afeições, & pareceres varios
 Na aparencia, e prender tāta façanha,
 Que anima apropria géte admira a estranha

24

E o que mais admiravel se afigura,
 Dando espanto geral a toda a terra,
 He, que seja animado de brandura
 Hum coração, que tal valor encerra:
 E que sendo criado em paz segura
 Tenhais tantos alentos para aguerra,
 Que nem vos turba aparche, q ribôba
 Nem a peça, canhão, bôbarda, & bôba

Mas

25

Mas eu, Principe invicto, não me espâto,
 Nem se deve espatar quē vos conheça
 De vossa ardente espirito ser tanto,
Que, átesq épregne os raios, resplâdeça:
 Bem sabe o giro da Tapada; quanto
 A vosso braço, a vosso pé obedeça
 A fera cujo ardor, cujo escarmento
 Pedio armas ao fogo, asas ao vento.

26

Alli domando o touro, que esgrimia
 Meias luas a fronte, os olhos fogo,
 E o jávali, que a Alcides desafia,
 Aprendestes a andar, & a vencer logo:
 Esta imagem da guerra vos servia
 De escola generosa, & o vosso jogo
 Ià então era os despojos, q ganhaveis
 Das indomitas feras, que mataveis.

27

Nem era necessario a vosso peito,
 Para ser forte, ser exercitado,
 Pois, para serdes Principe perfeito,
 Basta vosso valor, basta o erdado:
 Tendes para qualquer eroico feito,
 Não sei se original diga, ou traslado,
 Nos Avòs immortaes, de quē erdestes
 O cetro de cristal, q oje épunhastes

Outro

28

Outros reservo a canto menos breve,
 E só vos lembrarei Dó IOAO primeiro,
 A quem a liberdade Luso deve,
 E mais que nella em tão illustre erdeiro:
 Testemunha sou eu de quanto teve
 A Nuno vosso avô por companheiro,
 Mais que vassallo, & pelo mundo soa
 A lealdade, que então mostrou Lisboa.

29

O quantas do soberbo Castelhano
 Vitorias alcançarão glorioas!
 Quáticas vezes, & quantas com seu dano
 Provou as nossas armas vitoriosas!
 Pois se olhais, invencivel Lusitano,
 As luzes deste espelho generosas,
 Que exercicio melhor, néq' experiécia,
 Que aquela imitação. & essa prudencia?

30

Portanto, quando oposto a vosso nome
 Queira fazer de vossas armas prova
 O Castelhano Rei, fareis, que odome
 A antiga imitação, & agloria nova:
 Quando mais atrevido as armas tome,
 Sem olhar, qne a justiça lhas reprova,
 Primeiro encótrará oprimido a morte.
 No orror devossa espada, que no corte.

Para

31

Para vossa defesa se prepara,
 Não digo já o meu povo, que obediéte
 He costumado com lealdade clara
 A servir, & a mostrar esforço ardente:
 Né digo o demais Reino, ñde não para
 O Amor, q̄ ao vosso cápo cōduz gente,
 Mas ainda Fráça, Oláda, & Catalunha,
 Que cadaqual por vos a láça épunha.

32

Allem da liberdade restaurada
 Isto mais, Rei famoso, vos devemos,
 Que he ver a nossa gente exercitada
 Na milicia, que tanto suspendemos:
 Ao bastaó, à gineta prateada,
 Ao venablo, ao tambor obedecemos:
 E se faltava à nossa opiniaó alta
 Militar disciplina, já não falta.

33

Já desprezão a audacia do enemigo
 Os vossos valerosos Lusitanos,
 Lilonja representão no perigo,
 Achão facilidade em vencer danos:
 Estas confianças traz o Amor consigo
 Nos bizonhos igual, & veteranos,
 E cadaqual espera na batalha,
 Que seu amor, & seu valor mais valha.

Com

34

Com tantas esperanças já confio,
 Que, quando o mar afecte impedimento,
 Domareis seu immenso senhorio
 Fabricando em seu campo torres céto:
 Quando vos embarace qualquer rio
 O passo com seu umido elemento,
 Tanto cadaver enemigo conte,
 Que venhão a fazer segura ponte.

35

Iácreio, que vos vejo em capo armado
 Alentando bizarro aos Portugueses
 Esgrimir esse estoque não cansado
 De tirar vidas de romper arneses:
 Iá, que vibrando alança sois cuidado
 Fatal aos mais valentes Leoneses,
 Que védo o grão valor, q̄ é vos admiro,
 Antes morrem do ameaço, que do tiro.

36

Iá imagino, que dando a nova istoria
 Empenho cō otriunfo, que alcáçastes,
 Para solenizar vossa memoria
 A eternidade, & a fama convidastes:
 E na ḡila pomposa da vitoria,
 Que suspêndendo o mundo cōquistastes,
 Se dirá, que triunfais, porque vêceites,
 Não, q̄ sō por triūfar, guerra épredestes

Iá

37

Ia vejo em vosso triunfo merecido
Precederem ao carro maniata dos
(Glorioso o que por vos fosse vêcido)
Os Capitães de Espanha mais ousados:
O nome nos escudos esculpido,
Nos escudos trarão, que espedaçados
Com os golpes fataes do vosso braço
Terão apenas para o nome espaço.

38

O que firme esperança me persuade,
O que justa confiaça me assegura
Tanto triunfo à vossa Magestade,
Ao vosso Portugal tanta ventura!
Que hū Rei, q̄ fúda o imperio na piedade,
Virtude com razão a mais segura,
E na justiça igual, com que governa,
A gloria, & a coroa faz eterna.

39

Em vos tanta piedade resplandece,
Que sois primeiro é Portugal Trajano,
E vossa mansidão mais se engrandece
Junta a vostro valor, q̄ he mais q̄ humano:
De modo cada acção vos enobrece,
Que sois, acreditando soberano
Simo valor, & piedade summa,
Romulo forte, religioso Numa.

Tanto

59/507

40

Tanto vos acredita o justicoso;
 Que em premios, & castigos excelléte
 Né ao que mereceu deixais queixoso,
 Nem deixais sé castigo ao delinquente:
 Não val ao que pecou ser poderoso;
 Antes então da lei o peso sente:
 Que não ha Rei, ou o he de umilde sorte
 Quê só impera no fraco, e não no forte

41

Com este zelo, com que igual defende
 Vosso braço a justiça inviolada,
 O q̄ he mais alto, mais pontual éprede
 A observácia da lei, que ao Rei agrada:
 Có o exéplo do gráde o umilde apréde
 A virtude, que crece de emulada:
 Que não ha melhor lei para os meores
 Que a imitaçāo do Rei, & dos maiores.

42

Porquē mais luza o venturoso dia;
 Em que sois Sol, & a liberdade Aurora,
 Do peso nos livrastes, que oprimia
 Nossos ombros cansados atē agora:
 Do peso dos tributos, que trazia
 Imposições tiranas d' ora em ora,
 Com que já não bastava o soportallos
 O exausto patrimonio dos vassallos.

He

43

He verdade, que a guerra, que se espera,
 Que se estriba nos nervos do dinheiro,
 Não permite cessar (como quisera
 Vosso Amor) o tributo todo inteiro:
 Mas vossa mansidaõ tanto modera
 Opeso dos tributos, q primeiro
 Que os peccais; por vontade os oferece
 O Reino, & aceitarlhos agradece.

44

Ainda assim de maneira moderastes
 O nome sempre odioso dos tributos,
 Que na distribuição, cõ q os lâcastes,
 Não ha qué não deseje darvos muitos;
 Porque benino os pobres aliviaſtes
 Pedindo mais aqué logrou mais frutos
 E deste modo mais contente fica
 Quem maior ſóma a vossa mão aplica.

45

Vem a ser mais suave, que penosa
 Esta do Reino ja sofivel carga,
 Que doce oje se faz por amorosa,
 Se por dura atē agora foi amarga:
 Porque com providencia cuidadosa,
 Não com ostentação prodiga, & larga
 Acode à universal necessidade,
 Não ao gosto superfluo da vaidade.

H

Outra

60/5117

46

Outra prosperidade, que conquista
 Os corações de todos docemente,
 Nos concedeis, Senhor, cõ vossa vista,
 Tendonos sempre a porta mui patete:
 • Este favor emenda o que malquista
 A todo o pederoso de insolente:
 Que he pena desigual, q̄ o Sol esquivo
 Ao pobre negue a luz, que dà ao altivo

47

Tão Sol neste favor resp landecestes,
 Que mostrastes com giro peregrino
 Na luz, que ao vosso povo cōcedestes,
 Providencias lustrosas de Divino:
 Pois, como Deos, a penas conhecestes
 Algum afecto de animo, a que fino
 Não assistisse já vosso cuidado
 Ainda antes conhecido, que invocado.

48

E não faltando zelo inadvertido,
 Que, quando tanta luz comunicastes,
 Reçeaſſe o decoro diminuid o
 Nos raios liberaes, que revelastes:
 Vos de vosso valor só competido
 Amoroso, & prudente o atalhastes,
 Dizendo: Não convem a meu respeito
 Cerrar a porta a quē me abrio o peito.

O ver.

49

O verdadeiramente amor paterno!
 O espirito real, o que confia
 Fazer das leis de Amor leis de governo
 Fundar nos corações a monarquia!
 O de Rei Português empenho eterno,
 Que tantas saudades alivia!
 Ter na clemécia a maior gloria posta,
 Ver, & ser visto, ouvir, & dar resposta.

50

Húa satisfaçāo dar vos desejo,
 Antesque o tempo meus accētos rōpa,
 E que a afeição, que neste coro vejo,
 Cō outro aplauso o cāto me interrōpa:
 Porq né eu, Senhor, né o aureo Tejo
 Vos recebemos com tão grande pōpa,
 Como já noutro tempo recebemos
 A quem menos amamos, & devemos.

51

Mas bem sabeis, que he mais industriosa
 Alisonja afectada, que a verdade,
Que he toda a servidaō mais égenhosa
 Para adular , que anobre liberdade:
 E que mais fácil he a paxão medrosa
 Em inventar, que a candida vontade:
 Portanto eu verdadeira, livre, & amāte
 Oje singella fui, se então galante.

H2

F avos

61/5117

52

Ea vossa estimação rendo obrigada
 Por sacrificio de maior decoro
 De soldados magnanimos a espada,
 E de engenhos armonicos o coro:
 Aquelle com destreza acreditada,
 E estes farão com método canoro
 Que o vosso campo toda a terra dome
 Que soe é todo o mundo o vosso nome.

53

Començai pois, ó Rei maravilhoso;
 A equivocar defensa, & mais cóquista:
 Nem haja quem vos dane belicoso,
 Nem haja quem ousado vos resista:
 O enemigo soberbo, & cauteloso
 Tão atalhado se ache à vossa vista,
 Que védo em sua casa a maior guerra,
 Defenda a sua, & deixe a vossa terra.

54

Este he o modo, Senhor, mais acertado
 Para vos defenderdes de enemigo,
 Que no poder, que ostenta, confiado
 Na vizinhança afeita o mor perigo:
 Vede, que he singular razão de estado
 Para vossa defesa, & seu castigo
 Enfraquecerlhe a força do ameaço,
 Divirtirlhe opoder, prendelhe obraço.

Veja

55

Veja, veja, que tendes tanto alento
Não só para a batalha, que prepara
Mas tâbê para o triûfo, a cujo accéto
Ià afamavos promete a voz mais clara,
Que anticipais aguerra a seu intento
Com animo tão grande, que não pâra
Em defender somente o patrio muro,
Mas q̄ ainda o seu está pouco seguro.

56

Divirtase o poder, com que pretende
Impugnar vossa gloria temerario:
De menos necessita quem ofende,
Mais ha mister qué teme a seu côtrario
Não duvideis de q̄ arrogâte emprende
Guerra, & para a defesa he necessário
Diminuir lhe a força, antes que possa
Vnir a sua, & dividir a vossa.

57

Onde a guerra està viva, alli se encerra
A fome, a confusão, & o geral dano,
E tal vez he pior, que a mesma guerra,
O receio da guerra desumano:
Trasladai estes danos para a terra
Vicosa do soberbo Castelhano,
Unde de vosso cão o forte, & o fraco
Se anime, & se enriqueça com o laco.

H;

N 6

62/5117

58

Não duvideis, que a guerra anticipada
 Da vossa parte he juita, & conveniente,
 Porque vai à defensa encaminhada,
Que dilação de instantes não consente:
Quanto mais que já vejo provocada
 Com assaltos comuns a vossa gente:
 Deixo a causa das rendas, q vos deve
O soberbo Espanhol, que não he leve.

59

Vede do augusto Infante Dom Duarte
 A injusta detenção em Alemanha,
 Onde, despois que foi valente Marte,
 A força se lhe faz, q o mudo estranha:
 E oje retido em tão remota parte,
 Por segurar a citerior Espanha,
 Padecendo as violencias mais injustas
 Faz vossa guerra, e vossas armas justas.

60

Tendes soldados taes, que não duvido,
 Que tenhais certa a mais feliz vitoria,
 Pois seu valor ao mundo conhecido
 Em Castella deixou maior memoria:
 Militão pelo soldo pretendido
 Os contrarios, & os vossos pe la gloria
 Da liberdade, & pe la Patria amada
 Preferindo ao viver a morte onrada.

Os

61

Os nobres com illustre gentileza
 Liberaes oferecem, & alentados
 Aos dispendios marciaes sua riqueza,
 Aos perigos seus peitos esforçados:
 Seguem os populares a Nobreza
 Com tal emulação, tão animados,
 Que para vos servir ricos, & pobres,
 Todos, Senhor, nos animos são nobres.

62

Nem a quebra de algúis desacredita
 Os que ficão leaes, nem desalenta
 Os peitos, em que a fé se não limita,
 As almas, é q o Amor mais se acreceta:
 Antes tantas finezas solicita,
 Que co afecto, & com lealdade iséta
 Da suspeita menor veio a ser pedra,
 Em cujo toque a fé créditos medra.

63

Marche por tanto o Campo conduzido
 De Eroe fatal, ocupe valle, & serra:
 Começai de vencer restituido,
 Dái principio dito so à justa guerra
 Peça antes o enemigo por partido,
 Que livre lhe deixeis a sua terra:
 Mais val, q vêcedor (mais val por certo)
 Deis ao vêcido orror, leis ao cõerto:

64

A caxa, que já toa, à voz sonora
 Da trombeta bastarda, ao estandarte,
 Cuja sagrada empresa o vento adora,
 Réda temor Castella em toda a parte:
 Qué vos vio Cesar na primeira Aurora
 Do Reino, vos admire logo Marte
 No meio dia, a cujos raios d'ouro
 Tribute luz o Sol, & a fama louro.

65

Marche a vossa valente infantaria,
 Que tão grandes façanhas vos promete,
 Aumentando esplendor à luz do dia
 Os reflexos do peito, & capacete:
 Forme muros de fasa a picaria,
 Fulmine em seus cõtornos o mosquete
 O rajo do pilouro, descompondo
 Ahus mortos da ferida, a outros do estrôdo.

66

Marche á Cavallaria, marche, & bata
 Com a ferrada unha a terra dura,
 Mostrado no escarvar, q de abrig trata
 Para vossos contrarios se pultura:
 Tinji o cavallo na úmida escarlata.
 Do enemigo seroz a neve pura,
 Com que o freio guarnece mastigado
 De cristal, & de purpura argentado.

E vos

67

E vos aos cavalleiros, & aos infantes
 Inspirai com a vista tanto alento,
 Que ainda átes da batalha dé triūfates
 O vosso, & o seu nome ao firmamento,
 Onde em cifras de luzes rutilantes
 Admire a emulação, & adore o vento
 Nessa lâmina azul letras de gloria,
 A que a fama encoméde a vossa istoria.

68

Seja a mais propria accão da eternidade
 Dos vossos esquadroes qualquer épresa
 Câtese é todo o mundo, é toda a idad e
 A gloria da coroa Portuguesa:
 E renovada a candida amizade
 Da gente Lusitana, & da Francesa
 Faça reverdecer agora os leuros
 De quādo me livrou da mão dos Mouras.

69

Acabou de cantar, & donde o canto.
 Deu fim, trinádo a voz suave accerto;
 Louvandoa foi retorica o espáto,
 Eloquencia o amor, lisonja o vento:
 Sua doce armonia pode tanto,
 Que deu às duias pedras movimento,
 As aguas suspensão, ao ar firmeza:
 Callou, & tornou tudo à natureza.

Amarilis

64/9113

CANTO

70

AMARILIS, q̄ está quasi pi cada,
 Porque o Tejo por varia a mortifica,
 Posto que a não picar se he costumada,
 Antes a ser quem sempre a todos pica:
 As glorias d'este aplauso dedicada
 Tão êmula em afectos se publica,
 Que já lhe não impede o claro Tejo,
 Que logre de algum modo seu desejo:

71

Citara de marfim com cordas d'ouro
 Tomou, que antigamente foi o fensa
 De Orfeo na maõ de hú cizne, q̄ no Douro
 Cantou alegre liberdade immensa:
 Não foi assim no Tejo, óde d' hú louro
 Com desenganos a deixou suspensa
 Mas na maõ de Amarilis ter podia
 Nova constellação pela armonia.

72

Tocandoa pois, a seu fiel compasso
 Graciosa a bala o corpo, & o pé breve
 De fogo liberal, de neve escasso
 Vai semeando fogo com a neve:
 A cada movimento, a cada passo
 Ora livre, ora grave, & ora leve
 He senhora dosares por airosa;
 E vai pisando as almas por fermosa.

Quando

73

Quando o largo teatro em roda gira,
 Sendo sépre a seu garbo a roda estreita,
 Huás almas abraça, outras admira,
 Outras préde, outras mata, outras deleita:
 D'onde o pè fugitivo se retira,
 Não sabe o chão, q o teve, mas sospeita
 Pelas flores amenas, que alli gera,
 Que por alli passou a Primavera.

74

Com a vista não pode todo o coro
 Das Ninfas comprender o labirinto,
 Que tece entre o airolo, & o sonoro
 Ainda nos pensamentos não distinto:
 Segura na belleza, & no decoro
 Cirulos forma bellos, em que sinto
 Mais liberdades presas, & perdidas,
 Do que Dedalo é Creta enlaçou vidas.

75

Com tão bom ar, com tal destreza dãça,
 Que houve quē dice namorado della:
 Não he desfeito professar mudança
 Que nas proprias mudâças he tão bella
 Hui faz, com que gera hui esperança,
 Com outra as esperanças atropella:
 E em cada volta ou grave ou pressada
 Quanto mata cruel, fermosa agrada.

Despois

65/5117

76

Despois que a toda aliquida Dejlade,
 E às Ninfas suspensaõ, & enveja dera
 Prendendo nas mudanças a vontade
 A quem de sua luz firmeza espere.:
 Prostrada à Portuguesa Magestade
 A adoração repete, que fizera,
 Quando é trou a dācar, mostrado agora
 De Venus o esplendor, se etão d' Aurora

77

Faltou primeiro toda a luz ao dia,
 Que o Sol de pura enveja lhe negara;
 Que faltasse o aplauso, & a armonia,
 Comque Lisboa seu amor declara;
 Mas não suspedem sombras a alegria,
 Que nos braços da noute foi mais clara
 Na ostentação de luminarias bellas,
 Que brilhão mais, q as lúcidas estrellas

78

Esta foi, Rei invicto, a menor parte
 Da pompa, que oferece a vossos raios
 Quem vos aclama Lusitano Marte,
 Que ao leão Espanhol causais desmaios:
 O amor, que nestes versos me reparte
 Para cantom maior breves ensaios.
 A vossos pés me traz, onde pretendo
 Lograr ditoso o afecto, que vos redo.
 E em quanto

79

Em quanto outro furor mais levatado
Preparo a vosso braço vitorioso
No triufo, q em auspicios de esperado
Possue já os encomios de glorioso:
E é quanto aos anaes vossos chama ofado
De vossa immortal gloria cuidadoso
A erudição d' hū Brito que na istoria
Divulgue em alto estilo vossa gloria.

80

Accitai hū desejo, que procura
Servir vos noq pode, & noque alcāça:
Sò quero é vos servir minha ventura,
Sò fudo em vos ser vir minha esperança
Assim serà a confiança mais segura,
Por que naõ ha mais certa confiança,
Que aspirar ao serviço sem o intento
Do premio, q naõ dà merecimento,

81

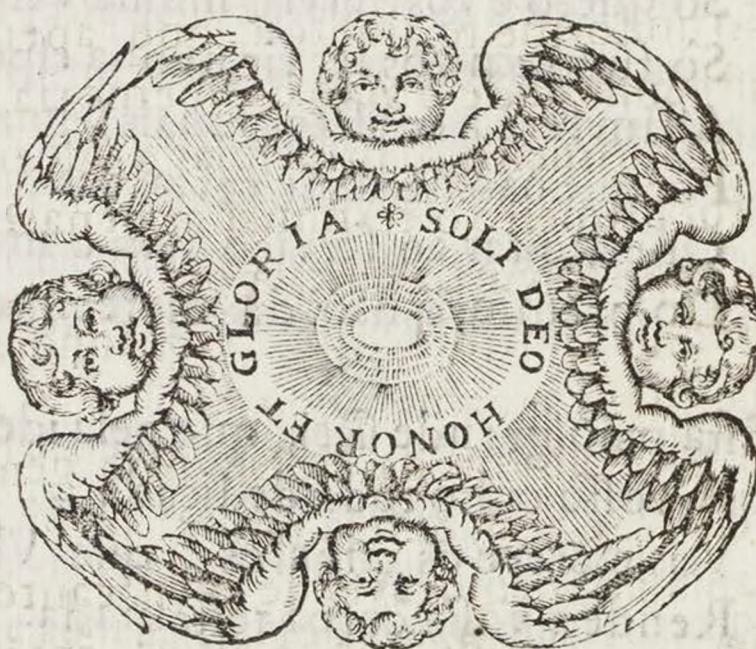
Esta mão, grande Rei, que pela idea
A vosso culto toda dedicada
Vos escreve os triunfos , que Vlissea
Rende a vossa coroa restaurada:
Se do fogoso Marte, ou justa Astrea
Lhe cometerdes a valente espada,
Vereis como servindo vos robusta
Avibra forte, ou a sustenta justa.

E se

66/9113

E se vossa grandeza me concede
 O favor alto, aque meu cāto aspira;
 Poder ostentareis, que augusto excede
 Ao da fortuna, q̄ offendendo admira:
 Porque a fortuna para mim procede
 Com tão grande poder,& com tal ire,
 Que fareis mais é cōtrastrar seus danos,
 Que é vécer esquadrões de Castelhanos!

F I M



C A N-

A ELREI NOSSO SENHOR
DOM IOAO O QVARTO:
feita para o certame da Vni
versidade de Coimbra.

C A N C, A O.

 Evantou Portugal a cordada
Cabeça tantos annos oprimida
Na servidão cruel do Castelhano
Ià sua liberdade restaurada
O ciarim de Calliope convida
A accento eroicametne soberano:
Ià no auspicio da gloria o fim do dano
Tão uniforme se ajuntou, que apenas
Distinguir pode o acto da memoria,
Se foi primeiro o principiar a gloria?
Se foi primeiro o terminar as penas?
Calliope Divina, dàme agora
Armonico instrumento, voz sonora,
Que cante dinamente
Do Redemptor da Portuguesa gente
A coraçao real, & seja tanto
O aplauso memoravel de meu canto,
Que soe a voz de minha altiva épresa
Quanto souou a fama Portuguesa.

Deviase a coroa Lusitana
Por direito à Sehora Caterina,

Quando

67/5117

Quádo a Parca atalhou grádes aumétos;
 Mas intrusa a soberba Castelhana
 Triunfando da fraqueza feminina
 Ganhou os muros; não os pensamétos:
 Sempre se preservarão tão isentos
 Os animos do jugo, que oprimia
 Com violencia fatal a liberdade,
 Que nunca se apôssoou de húa vontade
 O odioso poder da tirania:
 Sempre se sustentou húa esperança
 De restituir à Casa de Bragança
 Real pela ascendeneia,
 Real pela usurpada preferencia
 A coroa de Luso, mas o efeito,
 Se facil por vontade, & por direito,
 Por falta de ocasiaõ se dilatava
 Na força, & no temor. E já tardava.

Mas quando pareceu mais sepultado
 Nas sombras do importuno sofrimēto
 Sojeito ao catiueiro mais injusto:
 De impulso superior resucitado.
 As nè voas espalhou do esquecimento
 E os raios despregou do brio augusto:
 Iusta resoluçao, decreto justo
 De mudar a coroa generosa
 Determinou a eroica fortaleza,

E con-

E convocando a principal Nobreza
 Para a conjuração mais gloriosa
 Dispos o intérō illustre tão secreto,
 Que padecia escrupulo o decreto,
 Quando se executava,
 E parecia, que ainda se ignorava:
 Pois venturosamente conseguido
 Seu louvor aumentava é não ser crido
 Gozando as esperanças no sucesso
 Cōplemento feliz, prospero excesso.

Determinada pois a accão maisdina
 Do concavo metal, do metal plano,
 Dequātas cōta antiga, & nova istoria:
 O efeito confirmou, que era Divina,
 Porque só por auxilio soberano
 Tão barata se compra tanta gloria:
 Tu, flor de Penaguião, tu de memoria
 Eterna dino, o collo à tirania
 Cortaste (E callo os outros cō espāto
 Reservādolhe a gloria a maior cāto,
 Que os eternize é celebre armonia):
 Derrubou este golpe não só a vida
 Do corpo, em q̄ tocou, aborrecida;
 Mas do dano que a ella
 Respirações mandava de Castella:
 Porque esta só garganta unicamente
 I Susten-

Sustentava a cabeça, que insolente
 A coroa cingia Lusitana
 Na fronte cheia de ambição tirana.

Já cadaver aquella estatua altiva
 Precipitado ao vulgo a dar vingança
 Aos corações de tantos ofendidos:
 Se aclamou em voz alta: Viva, viva
 Rei Português o Duque de Bragáça;
 Suave admiração para os ouvidos:
 Suspensão repartida em dous sétidos
 O povo concebeu d'esta façanha:
 Nos olhos, do espetáculo, que viaõ,
 Nos ouvidos, do bem, que percebiaõ,
 Mal se podia crer gloria tamanha;
 Mas o Amor persuadio aquê a ignora
 Cõ evidécia tal, que antes de húa ora,
 Sem que voz o impugnasse,
 Semq̄ arma se movesse, ou dispara ;
 Se adorou a luz nova da coroa
 D'El Rei Dô João nos muros de Lisboa;
 Cõ a boca, cõ a alma, & cõ mil modos,
 Viva El Rei Dô João Quarto, dizê todos.

Logo no quinto dia (porque Marte
 He radiante Senhor da quinta esfera)
 O Marte Português mostrou seus raios:
 Sua

Sua vista nos animos reparte
 Alentos ao amor de quem o espera,
 E à emulaçāo (se a houve) mil desmaios
 Não querēdo mais pōpa, q̄ os ésaios
 De coriscos marciaes, que sonorosos
 Davão luz ao amor, fumo à enveja:
 Sò quer, que sua pompa maior seja
 De animos Portugueses os fogosos
 Aplausos, cuja salva mais lhe agrada:
Que o triūfo, & q̄ a coroa celebrada:
 Firmouse emfim o intento
 Com a so lene accção do juramento
 Com tal quietação, q̄ bē se alcança,
Que lhe he dada a coroa por erança,
 Não por cōquista; Pois apaz lha rēde
 Todos a aclamāo, & ningnē a oféde

Agora pois, ò Rei pelo Ceo dado
 Por Redéptor da gente Portuguesa;
Que por sessenta inver nos foi cativa:
 Agora no Real solio colocado
 Resta, que sustéteis a eroica empresa;
 De que nosso remedio se deriva;
 Jà sem receios a esperança viva
 Augusto Pai da Patria vos aclama:
 E se nossa comum necessidade
 Vos chamou, jà primeiro na vontade

No Reino todo, que fiel vos ama,
 Erei chamado ao cetro, ereis eleito
 A coroa, que he vossa por direito:
 Agora vos compete
 Dar a restauração, que nos promete
 O Ceo por vosso braço vitorioso:
 Agora umanamente Magestoso,
 Sé q o temor, & sé q o amor se mude,
 Dareis castigo ao mal, premio à virtude.

Agora edificar hú novo templo
 Deve a Fama immortal à vossa gloria
 Com as pedras de nosso cativeiro:
 Sirva, Senhor, a vossa luz de exemplo
 A viva fama, a immortal memoria
 De vosso átecessor Dó João Primeiro:
 Sede vos seu retrato verdadeiro,
 Se he, q elle já naõ foi vosso retrato:
 Nos dous a mesma gloria terà parte:
 Vitorioso triunfou seu estandarte
 Do Leão sempre à nossa Serpe ingrato:
 Vencendo triunfarà vossa bandeira
 Da fabrica de escudos lisonjeira,
Que presumido arvora
 Contra nos o Leão, que vos ignora,
 E do meio das Armas peregrinas
 O escudo arrácareis das nossas Quinas:
Que

Que pois sois Quarto, como o Sol q vista
Poderá aver, q a vossa ardor resista?

Embraçai pois, Senhor, cō firme laço
O sacro escudo, vibrai já essa lança,
Cegue a Castella a luz da vossa espada
Já para vos coroar descrava obraço
Cristo da cruz, auspicio de esperança,
E aprovação da épresa principiada:
Alvoroce a trombeta exercitada
Os ginetes, que é Lisia gera o véto:
O rumor soe do estrondoso parche,
E alegre à seu cópacho o cápo marche
Bebendo inspirações de vossa aléto:
Provoqué as bandeiras já triunfates
O exercito valente dos infantes:
E quando o Castelhano
Vossa coroa impugne? com seu dano
Renoue escarmentado na memoria
Sua destruição, & vossa gloria,
E ouça primeiro o circulo da terra
Vosso triúfo immortal, q vossa guerra.

Canção, que vás nas asas d' hū de sejo
Mais de amor, q de égenho, presúptuo so
Habilitarte no Mondego undoso
Para ser salva illustre ao Sol do Tejo,

Menos culta te vejo;
 Do que pede coroa tão pomposa;
 Mas tua umilde voz por amorosa
 Desculpa confianças mais estranhas:
 Animate portanto,
 E ao Rei, aquem adoras neste canto,
 Dirás, que já farão suas façanhas,
 E meus accentos, que Alexandre seja,
 Sem à dita de Aquilles ter enveja.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

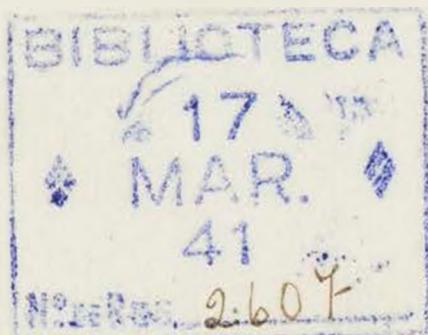
Biblioteca Central

SONET

SONETTO

R è prima delle voglie, e già del Regno,
 Al cui senno, al cui capo, alla cui mano
 Il cuore, il lauro, il scettro Lusitano
 Sacrò l'affetto, il trionfo, il feudo degno.
A voi, che sete di celeste pugno
 Compita fede, sen' oppone 'n vano
 La posanza superba dell' Ispano
 D'amor, digioia, dì tributo indegno.
Che, se pür Christo, mentre 'l Regno chiama
 Vostra corona, il santo braccio schioda
 Della croce, e se pür può tutto in esso.
Pür vuole dimostrarci, quanto v' ama,
 Edice a Portogallo sì, che l' oda:
 Ecco sì compie quello, ch' ho promesso.

Levou o Primeiro Premio.



351

20 MAY 1970

CONFIDENTIAL
ALL INFORMATION CONTAINED
HEREIN IS UNCLASSIFIED
DATE 10-10-01 BY SP/SP/SP

